

GÁLATAS

ÍNDICE

GALATIANS

WILLIAM BARCLAY
Título original en inglés:
The Letter to the Galatians

Tradução: Carlos Biagini

O NOVO TESTAMENTO Comentado por William Barclay

... Introduce e interpreta a totalidade dos livros do NOVO TESTAMENTO. Desde Mateus até o Apocalipse William Barclay explica, relaciona, dá exemplos, ilustra e aplica cada passagem, sendo sempre fiel e claro, singelo e profundo. Temos nesta série, por fim, um instrumento ideal para todos aqueles que desejem conhecer melhor as Escrituras. O respeito do autor para a Revelação Bíblica, sua sólida fundamentação, na doutrina tradicional e sempre nova da igreja, sua incrível capacidade para aplicar ao dia de hoje a mensagem, fazem que esta coleção ofereça a todos como uma magnífica promessa.

**PARA QUE CONHEÇAMOS MELHOR A CRISTO
O AMEMOS COM AMOR MAIS VERDADEIRO
E O SIGAMOS COM MAIOR EMPENHO**

ÍNDICE**Prefácio****Introdução Geral****Introdução Geral às Cartas Paulinas****Introdução à Carta aos Gálatas****Capítulo 1****Capítulo 3****Capítulo 5****Capítulo 2****Capítulo 4****Capítulo 6****PREFÁCIO A GÁLATAS E EFÉSIOS**

Os comentários a estas duas cartas de Paulo apareceram originalmente por separado com um intervalo de dois anos, para logo ser publicados juntos num só tomo.

O autor menciona em seu Prefácio ao Gálatas, o fato de haver-se publicado numerosas obras sobre esta epístola, dada a influência que ela teve na Igreja. Lembra que uma das obras mais importantes do Lutero foi seu comentário sobre o Gálatas, e menciona como um "monumento de erudição e um tesouro de materiais" o de E. D. Burton no *International Critical Commentary*. Dos comentários existentes sobre o texto inglês menciona o de A. W. F. Blunt na *Clarendon Bible*; mas, diz, "o melhor comentário em inglês continua sendo o de G. S. Duncan no *Moffatt Commentary*".

Termina com a afirmação de que Gálatas "leva-nos mais perto do coração do evangelho de Paulo" que qualquer outra de suas cartas.

Com referência a Efésios, assinala que é uma das cartas de Paulo mais freqüentemente estudadas, como que põe diante de nós o ideal da Igreja. Menciona como três grandes comentários sobre o texto grego os de J. Armitage Robinson, B. F. Westcott e T. K. Abbott. Entre os comentários sobre o texto inglês, menciona os de E. F. Scott no *Moffatt*

Commentary, J. Armitage Robinson, e H. G. Moule, e recomenda como excelente a exposição de Efésios pelo Dr. John A. Mackay.

Os Editores

INTRODUÇÃO GERAL

Pode dizer-se sem faltar à verdade literal, que esta série de Comentários bíblicos começou quase acidentalmente. Uma série de estudos bíblicos que estava usando a Igreja de Escócia (Presbiteriana) esgotou-se, e se necessitava outra para substituí-la, de maneira imediata. Fui solicitado a escrever um volume sobre Atos e, naquele momento, minha intenção não era comentar o resto do Novo Testamento. Mas os volumes foram surgindo, até que o encargo original se converteu na idéia de completar o Comentário de todo o Novo Testamento.

Resulta-me impossível deixar passar outra edição destes livros sem expressar minha mais profunda e sincera gratidão à Comissão de Publicações da Igreja de Escócia por me haver outorgado o privilégio de começar esta série e depois continuar até completá-la. E em particular desejo expressar minha enorme dívida de gratidão ao presidente da comissão, o Rev. R. G. Macdonald, O.B.E., M.A., D.D., e ao secretário e administrador desse organismo editar, o Rev. Andrew McCosh, M.A., S.T.M., por seu constante estímulo e sua sempre presente simpatia e ajuda.

Quando já se publicaram vários destes volumes, nos ocorreu a idéia de completar a série. O propósito é fazer que os resultados do estudo erudito das Escrituras possam estar ao alcance do leitor não especializado, em uma forma tal que não se requeiram estudos teológicos para compreendê-los; e também se deseja fazer que os ensinamentos dos livros do Novo Testamento sejam pertinentes à vida e ao trabalho do homem contemporâneo. O propósito de toda esta série poderia resumir-se nas palavras da famosa oração de Richard Chichester: procuram fazer que

Jesus Cristo seja conhecido de maneira mais clara por todos os homens e mulheres, que Ele seja amado mais entranhadamente e que seja seguido mais de perto. Minha própria oração é que de alguma maneira meu trabalho possa contribuir para que tudo isto seja possível.

INTRODUÇÃO GERAL ÀS CARTAS DE PAULO

As cartas de Paulo

No Novo Testamento não há outra série de documentos mais interessante que as cartas de Paulo. Isto se deve a que de todas as formas literárias, a carta é a mais pessoal. Demétrio, um dos críticos literários gregos mais antigos, escreveu uma vez: "Todos revelamos nossa alma nas cartas. É possível discernir o caráter do escritor em qualquer outro tipo de escrito, mas em nenhum tão claramente como nas epístolas" (Demétrio, *On Style*, 227).

Justamente pelo fato de Paulo nos deixar tantas cartas, sentimos que o conhecemos tão bem. Nelas abriu sua mente e seu coração àqueles que tanto amava; e nelas, até o dia de hoje, podemos ver essa grande inteligência abordando os problemas da Igreja primitiva, e podemos sentir esse grande coração pulsando com o amor pelos homens, mesmo que estivessem desorientados e equivocados.

A dificuldade das cartas

E entretanto, é certo que não há nada tão difícil como compreender uma carta. Demétrio (em *On Style*, 223) cita um dito do Artimón, que compilou as cartas do Aristóteles. Dizia Artimón que uma carta deveria ser escrita na mesma forma que um diálogo, devido a que considerava que uma carta era um dos lados de um diálogo. Dizendo o de maneira mais moderna, ler uma carta é como escutar a uma só das pessoas que tomam parte em uma conversação telefônica. De modo que quando

lemos as cartas de Paulo frequentemente nos encontramos com uma dificuldade: não possuímos a carta que ele estava respondendo; não conhecemos totalmente as circunstâncias que estava enfrentando; só da carta podemos deduzir a situação que lhe deu origem. Sempre, ao ler estas cartas, nos apresenta um problema dobro: devemos compreender a carta, e está o problema anterior de que não a entenderemos se não captarmos a situação que a motivou. Devemos tratar continuamente de reconstruir a situação que nos esclareça carta.

As cartas antigas

É uma grande lástima que se chamasse *epístolas* às cartas de Paulo. São *cartas* no sentido mais literal da palavra. Uma das maiores chaves na interpretação do Novo Testamento foi o descobrimento e a publicação dos *papiros*. No mundo antigo o *papiro* era utilizado para escrever a maioria dos documentos. Estava composto de tiras da medula de um junco que crescia nas ribeiras do Nilo. Estas tiras ficavam uma sobre a outra para formar uma substância muito parecida com nosso papel de envolver. As areias do deserto do Egito eram ideais para a preservação do papiro, porque apesar de ser muito frágil, podia durar eternamente se não fosse atingido pela umidade. De modo que das montanhas de escombros egípcios os arqueólogos resgataram literalmente centenas de documentos, contratos de casamento, acordos legais, inquéritos governamentais, e, o que é mais interessante, centenas de cartas particulares. Quando as lemos vemos que todas elas respondiam a um modelo determinado; e vemos que as cartas de Paulo reproduzem exata e precisamente tal modelo. Aqui apresentamos uma dessas cartas antigas. Pertence a um soldado, chamado Apion, que a dirige a seu pai Epímaco. Escrevia de Miseno para dizer a seu pai que chegou a salvo depois de uma viagem tormentosa.

"Apion envia suas saudações mais quentes a seu pai e senhor Epímaco. Rogo acima de tudo que esteja bem e são; e que. tudo parta bem para ti, minha irmã e sua filha, e meu irmão. Agradeço a meu Senhor Serapi [seu Deus] que me tenha salvado a vida quando estava em perigo no mar. logo que cheguei ao Miseno obtive meu pagamento pela viagem —três moedas de ouro. Vai muito bem. portanto te rogo, querido pai, que me escreva, em primeiro lugar para me fazer saber que tal está, me dar notícias de meus irmãos e em terceiro lugar, me permita te beijar a mão, porque me criaste muito bem, e porque, espero, se Deus quiser, me promova logo. Envio minhas quentes saudações a Capito, a meus irmãos, a Serenila e a meus amigos. Envio a você um quadro de minha pessoa pintado pelo Euctemo. Meu nome militar é Antônio Máximo. Rogo por sua saúde. Sereno, o filho do Agato Daimón, e Turvo, o filho do Galiano, enviam saudações. (G. Milligan, *Seleções de um papiro grego*, 36).

Apion jamais pensou que estaríamos lendo sua carta a seu pai mil e oitocentos anos depois de havê-la escrito. Ela mostra o pouco que muda a natureza humana. O jovem espera que ser logo ascendido. Certamente Serenila era a noiva que tinha deixado em sua cidade. Envia á sua família o que na antiguidade equivalia a uma fotografia. Esta carta se divide em várias seções.

- (1) Há uma saudação.
- (2) Roga-se pela saúde dos destinatários.
- (3) Agradece-se aos deuses.
- (4) Há o conteúdo especial.
- (5) Finalmente, as saudações especiais e os pessoais.

Virtualmente cada uma das cartas de Paulo se divide exatamente nas mesmas seções. as consideremos com respeito às cartas do apóstolo.

(1) *A saudação*: Romanos 1:1; 1 Coríntios 1:1; 2 Coríntios 1:1; Gálatas 1:1; Efésios 1:1; Filipenses 1:1; Comesse guloseimas 1:1-2; 1 Tessalonicenses 1:1; 2 Tessalonicenses 1:1.

(2) *A oração*: em todos os casos Paulo ora pedindo a graça de Deus para com a gente a que escreve: Romanos 1:7; 1 Coríntios 1:3; 2

Coríntios 1:2; Gálatas 1:3; Efésios 1:2; Filipenses 1:3; Colossenses 1:2; 1 Tessalonicenses 1:3; 2 Tessalonicenses 1:3.

(3) *O agradecimento*: Romanos 1:8; 1 Coríntios 1:4; 2 Coríntios 1:3; Efésios 1:3; Filipenses 1:3; 1 Tessalonicenses 1:3; 2 Tessalonicenses 1:2.

(4) *O conteúdo especial*: o corpo principal da carta constitui o conteúdo especial.

(5) *Saudações especiais e pessoais*: Romanos 16; 1 Coríntios 16:19; 2 Coríntios 13:13; Filipenses 4:21-22; Colossenses 4:12-15; 1 Tessalonicenses 5:26.

É evidente que quando Paulo escrevia suas cartas o fazia segundo a forma em que todos faziam. Deissmann, o grande erudito, disse a respeito destas cartas: "Diferem das mensagens achadas nos papiros do Egito não como cartas, mas somente em que foram escritas por Paulo." Quando as lemos encontramos que não estamos diante de exercícios acadêmicos e tratados teológicos, mas diante de documentos humanos escritos por um amigo a seus amigos.

A situação imediata

Com bem poucas exceções Paulo escreveu suas cartas para enfrentar uma situação imediata. Não são tratados em que Paulo se sentou a escrever na paz e no silêncio de seu estudo. Havia uma situação ameaçadora em Corinto, Galácia, Filipos ou Tessalônica. E escreveu para enfrentá-la. Ao escrever, não pensava em nós absolutamente; só tinha posta sua mente nas pessoas a quem se dirigia. Deissmann escreve: "Paulo não pensava em acrescentar nada às já extensas epístolas dos judeus; e menos em enriquecer a literatura sagrada de sua nação... Não pressentia o importante lugar que suas palavras ocupariam na história universal; nem sequer que existiriam na geração seguinte, e muito menos que algum dia as pessoas as considerariam como Sagradas Escrituras."

Sempre devemos lembrar que não porque algo se refira a uma situação imediata tem que ser de valor transitivo. Todos os grandes

cantos de amor foram escritos para uma só pessoa, mas todo mundo adora. Justamente pelo fato de as cartas de Paulo serem escritas para enfrentar uma situação ameaçadora ou uma necessidade clamorosa ainda têm vida. E porque a necessidade e a situação humanas não mudam, Deus nos fala hoje através delas.

A palavra falada

Devemos notar mais uma coisa nestas cartas. Paulo fez o que a maioria das pessoas faziam em seus dias. Normalmente ele não escrevia suas cartas; ditava-as e logo colocava sua assinatura autenticando-as. Hoje sabemos o nome das pessoas que escreveram as cartas. Em Romanos 16:22, Tércio, o secretário, inclui suas saudações antes de finalizar a carta. Em 1 Coríntios 16:21 Paulo diz: “A saudação, escrevo-a eu, Paulo, de próprio punho.” Ou seja: *Esta é minha própria assinatura, meu autógrafo, para que possam estar seguros de que a carta provém de mim.* (Ver Colossenses 4:18; 2 Tessalonicenses 3:17.)

Isto explica muitas coisas. Às vezes é muito difícil entender a Paulo, porque suas orações começam e não terminam nunca; sua gramática falha e suas frases se confundem. Não devemos pensar que Paulo se sentou tranqüilo diante de um escritório, e burilou cada uma das frases que escreveu. Devemos imaginá-lo caminhando de um lado para outro numa pequena habitação, pronunciando uma corrente de palavras, enquanto seu secretário se apressava a escrevê-las. Quando Paulo compunha suas cartas, tinha em mente a imagem das pessoas às quais escrevia, e entornava seu coração em palavras que fluíam uma após outra em seu desejo de ajudar. As cartas de Paulo não são produtos acadêmicos e cuidadosos, escritos no isolamento do estudo de um erudito; são correntes de palavras vitais, que vivem e fluem diretamente de seu coração ao dos amigos aos quais escrevia.

INTRODUÇÃO À CARTA AOS GÁLATAS

O ataque a Paulo

Alguns compararam a Carta aos Gálatas com uma espada flamejante brandida pela mão de um grande espadachim. Paulo a escreveu para responder a um ataque contra ele e seu evangelho. Se esse ataque tivesse tido êxito o cristianismo se teria convertido em outra de tantas seitas judias: costume de judeus e para judeus; algo dependente da circuncisão e da observância da Lei, em vez de ser algo da graça. É estranho pensar que se os adversários de Paulo tivessem levado a cabo seus propósitos o evangelho poderia ter ficado para os judeus e nós jamais tivéssemos tido a oportunidade de conhecer o amor de Cristo.

O ataque ao apostolado de Paulo

É impossível que um homem de personalidade tão intensa e de têmpera tão forte como Paulo não encontre oposição em seu caminho. É impossível que um homem como Paulo assuma a liderança de uma revolução de tamanha envergadura no pensamento religioso e não seja atacado. O primeiro ataque teve como objetivo seu próprio apostolado. Eram muitos os que diziam que Paulo não era um apóstolo. E de seu próprio ponto de vista tinham razão. Em Atos 1:21-22 encontramos a definição elementar do apóstolo. Judas o traidor se havia suicidado; então se fez necessário preencher o vazio produzido no número dos apóstolos. Como definem eles as condições que deve preencher aquele que tem que ser eleito? É necessário que seja “É necessário, pois, que, dos homens que nos acompanharam todo o tempo que o Senhor Jesus andou entre nós, começando no batismo de João, até ao dia em que dentre nós foi levado às alturas. Deverá ser alguém que se “torne testemunha conosco da sua ressurreição”. Assim, pois, para ser apóstolo se requeria ter acompanhado a Jesus durante sua vida terrena e ter sido

testemunha de sua ressurreição. Evidentemente Paulo não reunia estas condições.

Mas não só não preenchia estes requisitos mas também — pelo contrário — até pouco antes tinha sido o principal perseguidor da Igreja cristã. Paulo responde desde os primeiros versículos de sua Carta. Insiste com orgulho em que a origem de seu apostolado não é humano; não foi ordenado para esta acusação pela mão de nenhum homem: sua vocação provém diretamente de Deus. Outros poderiam ter as qualidades requeridas para encher o primeiro vazio da lista apostólica. Paulo tinha uma só qualidade: de caminho a Damasco se encontrou face a face com Cristo.

Independência e acordo

Além disso, Paulo insiste em que na pregação de sua mensagem não dependia de nenhum homem. Por isso nos capítulos 1 e 2 detalha cuidadosamente seus visita Jerusalém. Insiste em que não prega uma mensagem de segunda mão ou recebida de algum homem; sua mensagem provém diretamente de Cristo. Mas o apóstolo não era nem anarquista nem rebelde. Insistia em que ainda que tinha recebida sua mensagem em forma inteiramente independente, desfrutava também da aprovação plena daqueles que eram reconhecidos como líderes da Igreja cristã (2:6-10). Insistia em que o evangelho que pregava Paulo provinha diretamente de Deus; mas que estava plenamente de acordo com a fé entregue à Igreja.

Os judaizantes

Mas também o evangelho que Paulo pregava era atacado. Tinha que produzir uma luta e era preciso liberar uma batalha. Havia judeus convertidos ao cristianismo que continuavam crendo que todas as promessas e dons divinos eram só para os judeus e que nenhum gentio

poderia ser admitido nesses preciosos privilégios. Portanto pensavam que o cristianismo era única e exclusivamente para judeus. Se o cristianismo era o maior dos dons de Deus aos homens, tanta maior razão para que não se permitisse participar dele ninguém senão os judeus. De certa forma esta restrição era inteiramente inevitável. Havia um tipo de judeu que acariciava com arrogância a idéia do povo escolhido. Chegavam a afirmar as coisas mais terríveis: "Dentre todas as nações que fez, Deus só ama a Israel". "Deus julgará Israel com uma medida e os gentios com outra". "Esmaga a melhor serpente; mata o melhor dos gentios". "Deus criou os gentios para combustível do fogo do inferno". Esse era o espírito que estabeleceu a Lei de que não era lícito ajudar a uma mãe gentil em seu transe mais doloroso, pois isso significava trazer outro gentio ao mundo. Agora, este tipo de judeu via Paulo levando o evangelho aos desprezados e odiados gentios, e reagia com espanto e furor. Porque pregava um evangelho universal, eles o odiavam apaixonadamente tanto a ele como a seu evangelho.

A Lei

Mas havia uma maneira de sair disto. Se um gentio queria ser cristão que *primeiro se tornasse judeu*. Isto significava que devia ser circuncidado e carregar sobre suas costas todo o peso da Lei. Para Paulo isto era diametralmente oposto a tudo o que o cristianismo significava. Fazer-se primeiro judeu equivalia a tornar a depender a salvação do que o homem podia fazer: de uma marca na carne, da capacidade para observar a Lei. Assim o homem podia merecer a salvação pelo esforço próprio e sem a ajuda de ninguém. Mas para Paulo a salvação era inteiramente obra da *graça*. Cria que ninguém podia ganhar jamais o favor de Deus; que tudo o que o homem podia fazer era aceitar o amor que Deus lhe brindava, arrojar-se num tremendo ato de fé — sem ajuda, sem recursos e sem defesas — no amor de Deus. O judeu se aproximava de Deus dizendo: "Olhe! Aqui estão as boas obras que tenho feito. Aqui

tenho a marca de minha circuncisão. Estas são minhas obras. Dê-me a salvação que ganhei".

Para Paulo o essencial não era o que o homem podia fazer por Deus, mas sim o que Deus tinha feito para ele.

A Lei e a graça

Se tudo isto é verdade, surge uma pergunta muito séria: Qual é então o lugar da Lei? Não se pode negar que a Lei foi dada por Deus; a Lei é divina. Por conseguinte, esta ênfase na graça não varre simplesmente com toda a Lei? A Lei tem seu lugar próprio dentro da ordem estabelecida. Em primeiro termo, a Lei diz ao homem o que é o pecado. Se não existisse Lei o homem não poderia transgredi-la. Não existindo a Lei tampouco existe algo que possa denominar-se pecado. A Lei demonstra o que é pecado. Em segundo lugar — e isto é o mais importante — a Lei efetivamente conduz ao homem à graça de Deus. A dificuldade com respeito à Lei é que precisamente por ser pecadores, nunca podemos guardá-la perfeitamente. O intento de observá-la é sempre uma luta perdida, uma batalha em que o homem sempre é derrotado. Em consequência, o efeito da Lei é demonstrar ao homem sua própria fraqueza, conduzi-lo a desesperar de qualquer outro meio que não seja o arrojá-lo mediante um grande ato de fé na misericórdia e no amor de Deus. A Lei mostra nossa própria impotência, convence-nos de nossa própria insuficiência e, finalmente, força-nos a admitir que a única coisa que nos salva não é a obediência impossível a suas normas, mas sim a graça de Deus. Em outras palavras, a Lei é uma etapa essencial no caminho à graça divina. Assim, pois, nesta epístola o grande tema de Paulo é a glória da graça de Deus, e a necessidade de que compreendamos que jamais poderemos nos salvar por nossas próprias obras e que solo nos subtrai nos render com fé incondicional à graça de Deus.

Gálatas 1

O anúncio do Evangelho - 1:1-5

O escravo de Cristo - 1:6-10

A mão de Deus que dirige - 1:11-17

O caminho dos escolhidos - 1:18-24

O ANÚNCIO DO EVANGELHO

Gálatas 1:1-5

Algumas pessoas se introduziram na população de Galácia afirmando que Paulo não era na verdade um apóstolo e que, por conseguinte, não se devia ouvi-lo. Baseavam esta campanha de desprestígio já no fato de que Paulo não tinha sido membro do corpo original dos doze apóstolos, já na circunstância de que tinha sido o mais furioso de todos os perseguidores da Igreja, já em que não possuía nenhuma nomeação oficial dos dirigentes da Igreja. A resposta de Paulo não foi um argumento. Foi uma afirmação irrefutável. Não devia seu apostolado a homem alguém, mas sim ao dia em que, de caminho a Damasco, encontrou-se face a face com Jesus Cristo. Paulo afirmava ter recebido diretamente de Deus sua tarefa e ofício.

(1) Paulo tinha a certeza de que Deus lhe tinha falado. Leslie Weatherhead nos conta de um menino que tinha tomado a resolução de tornar-se ministro. Ao perguntar-se o quando tinha chegado a essa decisão, sua resposta foi que depois de ter escutado um sermão na capela da escola. Perguntaram-lhe o nome do pregador que lhe tinha causado tal efeito. Sua resposta foi: "Ignoro o nome do pregador, mas sei que nesse dia Deus me falou".

Em última análise ninguém pode constituir a alguém em ministro ou servo de Deus. Só Deus pode fazê-lo. A verdadeira prova de um cristão não é se tiver acontecido ou não por determinadas cerimônias e tomado certos votos, mas sim se tiver visto Cristo face a face.

Um ancião sacerdote judeu chamado Ebed-Tob estava acostumado a dizer sobre seu ministério: "Não foram nem meu pai nem minha mãe os que me colocaram neste lugar, mas sim o braço do Rei poderoso". Existe uma mão invisível que chama com gesto doce e indubitável.

(2) A verdadeira razão da capacidade de Paulo para o trabalho forçado e o sofrimento radicava em que possuía a segurança absoluta de que Deus lhe tinha encomendado o trabalho. Considerava cada esforço que lhe era exigido como uma tarefa encomendada por Deus. Mas não só homens da talha de Paulo têm uma tarefa encomendada por Deus. Deus dá a cada homem sua tarefa. Pode ser uma tarefa que chegue a ser conhecida por todos e que a história lembre; pode ser uma tarefa que não chegue aos ouvidos de ninguém; mas, em cada caso trata-se sempre de uma tarefa para Deus.

Existem tarefas humildes mas que são também um apostolado divino. A tarefa que Deus encomendou a Paulo foi evangelizar o mundo. Para a maioria de nós simplesmente se tratou de fazer felizes a uma ou duas pessoas do estreito círculo de nossos próximos mais queridos. Também esta tarefa é de Deus. Do mesmo modo, o Senhor escolhe a alguns para desenvolver um trabalho muito mais amplo.

No começo mesmo de sua epístola Paulo recapitula em duas palavras de enorme significado seus desejos e orações em favor de seus amigos.

(1) Deseja-lhes *graça*. Na palavra graça se encerram duas idéias principais. A primeira é a de *beleza pura*. A palavra grega *caris* significa graça no sentido teológico, embora retendo sempre o sentido de beleza e encanto. E mesmo quando usada em teologia a idéia de encanto jamais fica de lado.

Se a vida cristã possui graça deverá ser algo belo. Com muita freqüência existe a bondade sem encanto e o encanto sem bondade. A obra da graça está na união da bondade e do encanto. A segunda idéia é a de uma *generosidade pura, imerecida*. Trata-se de um dom que o homem jamais mereceu nem pôde haver ganho, e que recebe da bondade

pródiga e do amor do coração de Deus. Trata-se de uma palavra que contém todo o amor de Deus. Quando Paulo pede graça para seus amigos é como se dissesse: "Que a beleza maravilhosa do amor imerecido de Deus esteja em vós a fim de que torne amáveis suas vidas também".

(2) O apóstolo lhes deseja paz. Paulo era judeu, e a palavra hebraica *shalom* deve ter estado presente em sua mente quando escrevia o termo grego *eirene*. Agora, *shalom* significa muito mais que a mera ausência de tribulação. Significa tudo aquilo que é para o bem supremo do homem: tudo aquilo que torna pura sua mente, resolvida sua vontade e prazeroso seu coração. É esse sentido do amor e do cuidado de Deus que, ainda que o corpo seja torturado, mantém o coração do homem em paz e alegria.

Finalmente, ao falar aqui de Jesus, Paulo recapitula numa sentença de alcance literalmente infinito: o coração e a obra de Jesus Cristo. "Deu-se a si mesmo... para nos liberar". (1) O amor de Cristo é um amor que se *entregou e padeceu*. (2) O amor de Cristo é um amor *que venceu e triunfou*. Nesta vida a tragédia do amor consiste em que com freqüência é frustrado ou em que se deva suportar a dor de amar e ser incapazes de libertar o ser amado. Mas o amor de Cristo é o amor perfeito porque está respaldado por esse infinito poder que nada pode frustrar e que pode libertar o ser amado da escravidão do pecado.

O ESCRAVO DE CRISTO

Gálatas 1:6-10

O fato básico que está atrás desta epístola é o seguinte: o evangelho de Paulo era um evangelho de livre graça. O apóstolo cria de todo coração que ninguém poderia ganhar jamais o favor de Deus. Cria apaixonadamente que ninguém poderia ganhar o amor de Deus. Portanto, cria que tudo o que o homem ficava por fazer era lançar-se por um grande ato de fé no amor e na misericórdia de Deus. Pensou também que tudo o que o homem podia fazer era receber com assombrada gratidão o que Deus lhe oferecia; que o importante não é o que nós

podemos realizar por nós mesmos, mas sim o que Deus fez por nós. Este era o evangelho da livre graça que Paulo tinha pregado. Depois dele tinham aparecido alguns que pregavam uma versão judia do cristianismo. Estes declaravam que se a pessoa queria *agradar* a Deus, acima de tudo devia ser circuncidado; e depois devia procurar dedicar sua vida inteira ao cumprimento de todas as regras e prescrições da Lei. Cada vez que alguém levava a cabo uma obra da Lei — diziam — isso lhe era anotado no crédito de seu conta com Deus. Ensinavam a necessidade de que o homem ganhasse por si mesmo o amor e o favor de Deus. Para Paulo isto era absolutamente impossível.

Agora, seus adversários declaravam que o apóstolo estava tornando muito fácil a religião com a intenção de ganhar o favor dos homens e congregar-se com eles. Esta afirmação era precisamente o contrário da verdade. De toda maneira, se a religião consistir em receber a circuncisão e em cumprir uma série de regras e prescrições, é possível, ao menos em teoria, satisfazer suas exigências. Mas advirta-se que Paulo diz enquanto mantém no alto a cruz: "Deus os amou desta maneira". E assim a religião já não é questão de satisfazer as exigências da *Lei* mas sim de enfrentar-se com as obrigações do amor. O homem pode satisfazer as exigências da Lei porque esta tem limites legais e estatutários; mas jamais poderá satisfazer as exigências do amor porque, se fosse capaz de entregar à pessoa amada o Sol, a Lua e as estrelas, ficaria, entretanto, com a sensação de que sua entrega era muito pequena. Mas tudo o que os adversários judeus podiam ver era que Paulo declarava que a circuncisão já não era necessária e que a Lei em diante não tinha importância.

Paulo rechaçou a acusação de que queria congregar-se com os homens. Seu serviço não estava dirigido aos homens, mas sim a Deus. Dava-lhe o mesmo o que os homens dissessem ou pensassem dele: seu Senhor era Deus. E foi então quando aduziu o argumento irrefutável: "Se estivesse tentando buscar o favor dos homens, não seria escravo de Cristo". O que tem em mente aqui é o seguinte; o escravo levava o nome

e o emblema de seu dono gravados em seu corpo a ferro candente. Paulo levava em seu corpo as marcas de suas campanhas, os sinais de seus sofrimentos, o sinal da escravidão a Cristo. "Se estivesse buscando obter o favor dos homens", diz, "teria estas cicatrizes? Se toda minha aspiração fora estar em paz com os homens, teria estas marca em meu corpo?" O mesmo fato de que estava marcado de tal sorte era a prova final de que toda sua intenção era servir a Cristo, e não agradar aos homens.

Quando Paulo queria demonstrar que era servo de Cristo apelava ao testemunho de seus cicatrize; estas eram suas condecorações, seus emblemas de honra.

John Gunther nos conta dos primeiros comunistas da Rússia muitos dos quais tinham estado na Sibéria; quase todos tinham passado pelo cárcere sob o regime dos czares e levavam em seus corpos as marcas físicas do que tinham sofrido; e nos diz que, longe de sentir-se envergonhados por essas marcas que os desfiguravam, elas eram seu maior orgulho. Podemos estar convencidos de que estavam equivocados e tinham induzido outros ao engano, mas tinham sofrido por sua causa.

Quando os homens nos vêem dispostos a sofrer alguma coisa pela fé que dizemos possuir, é quando começam a crer que realmente a possuímos. Se uma coisa não nos custar nada, os homens não atribuirão valor alguém.

A MÃO DE DEUS QUE DIRIGE

Gálatas 1:11-17

Paulo sustentava que o evangelho que pregava não era algo recebido de outros nenhuma história de segunda mão; tinha-o recebido diretamente de Deus. Esta era uma afirmação muito séria; uma pretensão que exigia alguma sorte de demonstração. E para demonstrá-lo Paulo tinha a ousadia de destacar-se ele mesmo. Assinalava a mudança radical em sua própria vida.

(1) *Ele tinha sido um fanático da Lei.* A Lei tinha constituído sua própria vida, seu conhecimento tinha sido o único objeto de seu estudo; todo o esforço de sua vida se cifrava em sua observância. E agora o centro dominante de sua vida é a *graça*. Este homem que com apaixonado ardor tinha tentado merecer o favor e a aprovação de Deus, agora se contentava, em humilde atitude de fé, em receber o que Deus lhe oferecia. Tinha cessado para sempre de gloriar-se no que poderia fazer por si mesmo; e tinha começado definitivamente a gloriar-se no que Deus tinha feito por ele.

(2) *Tinha sido o principal perseguidor da Igreja.* Tinha-a devastado. A palavra que usa é a que se aplicava ao saque total de uma cidade; tinha tentado fazer da Igreja uma terra seca; e agora sua única meta e objetivo pelos quais estava disposto a entregar-se até a morte, eram difundir essa mesma Igreja por todo mundo. Todo efeito deve ter uma causa adequada. Quando alguém marcha de cabeça numa direção e de repente gira para dirigir-se com o mesmo ímpeto na direção diametralmente oposta; quando alguém investe de repente todos seus valores de modo tal que sua vida gira ao reverso, deve existir alguma explicação adequada. Para Paulo a explicação consistia na intervenção direta de Deus. Deus posou sua mão sobre os ombros de Paulo para detê-lo em meio de sua marcha. "Este é", diria Paulo, "o tipo de efeito que só Deus pode produzir". E o notável em Paulo é que não trepida em expor sua própria vergonha com a finalidade de mostrar o poder de Deus.

O apóstolo tem duas coisas que dizer sobre a intervenção de Deus.

(1) Não se trata de nada imprevisto, mas sim de algo que estava no plano eterno de Deus. Este plano existia já antes do nascimento de Paulo.

A. J. Gossip narra como Alexandre Whyte chegou à ordenação, a sua primeira acusação. A mensagem de Whyte foi que desde a eternidade Deus tinha estado preparando esse homem para essa congregação e esta para ele, e no momento preciso os tinha reunido. Cada homem é uma idéia de Deus; para cada homem Deus tem um

plano; Deus envia a cada homem ao mundo para desempenhar uma parte de seu propósito e desígnio. Pode ser uma parte pequena como uma parte notável. Pode tratar-se de algo que todo mundo chegue a conhecer como de algo que só chegue ao círculo dos mais ameadados.

Epicteto (2:16) diz-nos: "Tenha o ânimo de elevar seu olhar a Deus e exclamar: Desde agora em diante me trate como quer. Sou um contigo, sou teu; não me amedronto perante nada enquanto você pense que é bom. me conduza aonde queira; me revista da indumentária que queira. Quer me manter na acusação ou me afastar dele, que fique quieto ou fuja, que seja rico ou pobre? Por tudo isto te defenderei diante dos homens". Se um filósofo pagão pôde dar-se assim plenamente a um Deus ao que conhecia tão vagamente, quanto mais nós!

(2) Paulo sabia ter sido eleito para uma tarefa. Não pensava que tivesse sido eleito para a honra, mas para o serviço; não para o fácil, mas para o difícil. O general escolhe seus melhores soldados para as campanhas mais árduas; o professor escolhe a seus melhores alunos para os estudos mais difíceis. Paulo sabia que tinha sido salvo para servir.

O CAMINHO DOS ESCOLHIDOS

Gálatas 1:18-24

Nesta passagem consideraremos a última seção da precedente antes de ver o que Paulo fez precisamente quando a mão de Deus o deteve.

(1) Em primeiro lugar se retirou para Arábia. afastou-se para estar sozinho. Se obrou desta maneira o fez por duas razões. Em primeiro termo devia refletir sobre o tremendo acontecimento vívido. Logo, devia falar com Deus antes de falar com os homens. Tinha que estar seguro de si mesmo e seguro de Deus. São tão poucos os que tomam tempo para enfrentar-se consigo mesmos e para enfrentar-se com Deus... E como pode o homem enfrentar as tentações, as grandes tensões da vida sem haver tomado um tempo para reflexão, sem haver meditado, sem sentir-se seguro?

(2) Em segundo lugar, Paulo voltou para *Damasco*. Esta foi uma ação valente. Lembre-se que Paulo estava de caminho a Damasco para extirpar dali à Igreja, quando Deus o deteve. Todo Damasco sabia. Paulo voltou em seguida para dar seu testemunho perante as pessoas que melhor sabiam o que tinha sido.

Kipling tem um poema famoso chamado o *Voto de Mulholland*. Mulholland era cuidador de gados a bordo. Numa ocasião a tormenta se desatou ficando livres os novilhos. Mulholland fez um pacto com Deus: se Deus o libertasse dos chifres afiados e das unhas dos animais ele o serviria dali em diante. Efetivamente se salvou. Quando atracou na terra propôs-se dar cumprimento à parte do pacto que lhe correspondia: mas sua idéia era pregar a religião ali onde ninguém o conhecia e em circunstâncias muito cômodas: elegantemente vestido e a salvo do mau tempo. E então ouviu o imperativo divino: "Volta para os barcos boiadeiros e prega *ali* meu evangelho". Deus o enviou a um lugar que conhecia bem e onde era bem conhecido. Nosso testemunho cristão, assim como que nossa caridade cristã, devem começar em casa.

(3) Em terceiro lugar Paulo foi a *Jerusalém*. Novamente arriscou sua vida. Seus amigos de antes, os judeus, reclamariam seu sangue porque para eles era um renegado. Suas vítimas de antes, os cristãos, poderiam fugir do seu contato, não podendo crer que tivesse mudado. Paulo teve a coragem de enfrentar seu passado. Jamais conseguimos nos apartar realmente de nosso passado, fugindo do mesmo, mas sim enfrentando-o, admitindo-o e vencendo-o.

(4) Em quarto lugar, Paulo foi a *Síria e Cilícia*. Ali encontrava-se Tarso. Ali era onde Paulo se criou, onde tinha ido à escola e aprendido muitas coisas. Ali se encontravam os amigos de sua infância e juventude. Novamente escolheu o caminho mais árduo. Sem dúvida o considerariam completamente louco; e o enfrentariam com ira e escárnio. Paulo estava inteiramente preparado para ser considerado néscio pela causa de Cristo.

Nestes versículos Paulo busca defender e demonstrar a independência de seu evangelho; não o tinha recebido de nenhum homem, mas de Deus. Não consultou a ninguém, mas sim a Deus. Mas ao escrever, sem querer ele se descreve como o homem que tem a valentia de atestar sua mudança e de pregar seu evangelho nos lugares mais difíceis.

Gálatas 2

Um homem que não se intimida - 2:1-10

A unidade essencial - 2:11-13

O fim da lei - 2:14-17

Uma vida crucificada e ressuscitada - 2:18-21

UM HOMEM QUE NÃO SE INTIMIDA

Gálatas 2:1-10

Na passagem precedente Paulo demonstrou a independência de seu evangelho: demonstrou que não o devia a homem alguém mas sim o tinha recebido diretamente de Deus. Neste nova passagem lhe preocupa demonstrar que essa independência não era anarquia e que seu evangelho não tinha nada de cismático ou sectário, mas sim, em realidade, não era outra coisa senão a fé entregue à Igreja. Depois de quatorze anos de trabalho subiu a Jerusalém levando consigo a Tito, um jovem amigo e seguidor seu de origem grega. Esta visita não era de maneira nenhuma singela. Justamente ao escrever estas palavras sua memore encontra-se confusa. No texto grego há uma desordem que não é possível reproduzir totalmente na tradução. Tratava-se de um problema pessoal do apóstolo: não podia reduzir-se ao mínimo sem dar a impressão de abandonar seus princípios; nem podia dizer muito sem que parecesse que estava em aberta discrepância com os líderes da Igreja. Como resultado, suas frases se entrecortam e desconectam. Seu escrito reflete a ansiedade e a preocupação de sua mente.

Os verdadeiros líderes da Igreja tinham aceito sua posição desde o começo; mas havia outros que pretendiam dominar a ferocidade de seu espírito. Havia aqueles que, como vimos, aceitavam o cristianismo, mas criam que Deus jamais daria algum privilégio a alguém que não fosse judeu, e, que portanto, antes de alguém tornar-se cristão era preciso circuncidar-se e carregar sobre si a totalidade da Lei. Estes judaizantes, como eram chamados, aproveitaram para fazer de Tito um caso de prova. Há toda uma luta atrás desta passagem; até parece provável que os líderes da Igreja tenham insistido para que Paulo transigisse e cedesse em homenagem à paz. Mas Paulo permaneceu firme como uma rocha. Sabia que estava diante de uma prova, e em nenhum momento cederia um palmo. Ceder teria significado aceitar a escravidão da Lei e dar as costas à liberdade cristã que se encontra em Cristo. No final a determinação de Paulo teve êxito. Aceitou-se em princípio que a obra de Paulo dirigia-se ao mundo não judeu, enquanto que a de Pedro e Tiago ao mundo judeu. Deve-se advertir com cuidado que não se trata de pregar dois evangelhos diferentes; trata-se do mesmo evangelho que tem que ser levado a dois âmbitos diferentes e por pessoas diferentes e especialmente capacitadas para fazê-lo.

Neste quadro ressaltam com clareza algumas características de Paulo.

(1) Paulo tratava a autoridade com o devido respeito. Não seguia seu próprio caminho. Veio, viu e falou com os líderes da Igreja, apesar de todas as suas diferenças. É uma lei de vida, importante mas esquecida que apesar de toda a razão que possamos ter, nada ganharemos com a rudeza. Não há nenhuma razão para que a cortesia e a vontade tenaz não possam ir juntas.

(2) Paulo não se deixava intimidar. Menciona repetidamente a reputação de que desfrutavam os dirigentes e colunas da Igreja. Respeitava-os, tratava-os com toda cortesia; mas permanecia inflexível. Há uma atitude de respeito mas também outra vil, rasteira ou de estudada condescendência para com aqueles aos quais o mundo ou a Igreja

rotulam como grandes. Mas Paulo tinha sempre a absoluta certeza de que não buscava a aprovação dos homens mas sim a de Deus.

(3) Paulo tinha consciência de sua missão especial. Sentia que Deus lhe tinha encomendado uma tarefa e nada poderia detê-lo em sua carreira: nem a oposição de fora nem o desalento interior. Sempre se dará o caso de que o homem que sabe que recebeu uma missão de Deus descobrirá que Deus lhe dá forças para levá-la a cabo.

A UNIDADE ESSENCIAL

Gálatas 2:11-13

Mas as dificuldades não tinham chegado a seu fim. Na Igreja primitiva uma parte da vida era a comida em comum que chamavam *agape*: festa do amor. Toda a comunidade se congregava nesta festa para desfrutar de uma comida para o qual todos contribuía com o que tinham. Para muitos que eram escravos devia tratar-se da única comida decente da semana; e de uma maneira muito especial assinalava o companheirismo e a participação comunitária dos cristãos.

À primeira vista, isto parece algo encantado. Mas devemos lembrar o rígido exclusivismo do judeu curto de idéias. A rigidez do judeu fazia considerar seu povo como o escolhido e em tal medida que implicava o rechaço das outras nações. As demais nações eram impuras "Porque o SENHOR é bom, a sua misericórdia dura para sempre" (Salmo 100:5). "Mas sua graça é só para os israelitas; para as outras nações Deus é terrível". "As outras nações são restolho ou palha para o fogo ou felpa que dispersa o vento". "Se um homem se arrepender, Deus o aceita, mas isto só se aplica a Israel, não às demais nações". "Ama a todos mas odeia aos hereges".

Este exclusivismo era parte da vida diária. Um judeu rígido até tinha proibido negociar com um pagão; não podia viajar com ele; não podia lhe brindar hospitalidade nem aceitar sua hospitalidade. Em Antioquia pois, surgiu um problema tremendo. Sendo assim as coisas,

podiam judeus e pagãos sentar-se juntos numa comida comunitária? Se tinham que observar as leis e costumes antigos, era completamente impossível.

Pedro chegou a Antioquia e, esquecendo em princípio os tabus antigos pela glória da nova fé, participou das comidas comunitárias com judeus e gentios. Mas então chegaram alguns de Jerusalém pertencentes ao partido judeu. Invocavam o nome de Tiago ainda que com toda segurança não representavam as opiniões do apóstolo. Estes influíram tanto sobre Pedro que conseguiram separá-lo das comidas em comum. Os outros judeus se retiraram junto com ele e finalmente o próprio Barnabé participou desta separação. Foi então quando Paulo falou com toda a força de que era capaz sua natureza apaixonada. Ele via certos pontos com clareza meridiana.

(1) Uma Igreja cristã não pode continuar sendo cristã se der lugar nela a qualquer diferença de classes. Os títulos que os homens ostentam entre seus semelhantes carecem de importância na presença de Deus. Perante Deus o homem não é nem judeu nem pagão, nem nobre nem plebeu, nem rico nem pobre: é simplesmente um pecador por quem Cristo morreu. Se os homens participarem de uma filiação comum devem ser irmãos; agora possuem um novo parentesco que lança por terra toda barreira terrena porque são filhos de um Pai que é Deus.

(2) Paulo viu a necessidade de uma intervenção enérgica para rebater a corrente que se tinha produzido. Não aguardou; atacou primeiro. Não se importava absolutamente que essa corrente desviada se relaciona com o nome e o proceder de Pedro. Era equivocada, e isso era o mais importante para ele. Um nome famoso jamais poderá justificar uma ação infame. Paulo é o exemplo vivo do homem enérgico que por sua firmeza pode conter uma corrente desviada de seu leito normal antes que se transforme numa onda incontível.

O FIM DA LEI**Gálatas 2:14-17**

Finalmente se toca aqui a própria raiz do assunto. É necessário urgir uma solução que não pode ser dilatada muito tempo. A questão era que a solução de Jerusalém tinha sido um compromisso, e como todo compromisso abrigava a semente da contradição. Com efeito a decisão de Jerusalém tinha estabelecido que os judeus seguiriam vivendo como judeus — observando a circuncisão e a Lei — mas que os gentios ficariam livres destas observâncias. Evidentemente as coisas não podiam continuar assim porque o resultado inevitável seria produzir duas categorias de cristãos e duas classes completamente diferentes na Igreja. A argumentação de Paulo é algo assim: Disse a Pedro: "Você compartilhou a mesa com os gentios pagãos; comeu e viveu da maneira como eles o fazem; agindo assim aprovou em princípio que há um só caminho para judeus e gentios. Como pode mudar agora toda essa decisão? Estava totalmente disposto a viver como os gentios; mas agora você deu uma volta completa, e pretende que os gentios sejam circuncidados, assumam a Lei e se tornem judeus". Para Paulo isto carecia de sentido.

E agora devemos nos assegurar o significado de uma palavra. Quando o judeu usava o termo *pecadores* com respeito aos gentios não pensava de maneira nenhuma em qualidades morais: referia-se à observância da Lei. Para tomar um exemplo, Levítico 11 estabelece as leis alimentares judaicas e enumera e classifica os animais que podem e não podem usar para comer. Aquele que comia lebre ou porco quebrantava as leis e se fazia *pecador* neste sentido do termo.

Então Pedro tinha respondido a Paulo: "Mas se como com os gentios as coisas que eles comem me faço pecador". A resposta de Paulo é dupla. Em primeiro termo diz: "Já faz tempo que estamos de acordo em que nenhuma medida de observância da Lei pode tornar o homem justo perante Deus. Isto é coisa da graça. Um homem não pode

merecer, deve aceitar o oferecimento generoso do amor de Deus. É a confiança suprema no amor de Deus em Jesus o que torna o homem justo perante Deus. Portanto, toda a questão da Lei carece de importância" Logo emprega outra argumentação com a qual abandona a seu competidor sem possibilidade de escape. "Você mantém", diz, "que o esquecimento de toda esta questão de leis, normas e prescrições fará de você pecador. Mas isto é *precisamente o que Jesus Cristo disse para você fazer*. Não lhe disse que tentasse merecer a salvação comendo este animal e se privando do outro. Disse-lhe que se lançasse sem reservas na graça de Deus. Diria então, que Jesus Cristo lhe ensinou a se tornar pecador?" É obvio que aqui só cabe uma resposta; e a resposta significa que as leis antigas simplesmente foram anuladas.

Este é o ponto a que tinha que chegar. Não era justo que os gentios tivessem acesso a Deus pela graça e os judeus pela Lei. Para Paulo havia uma só realidade, que era a graça. E todos deviam ir pelo caminho da entrega a essa graça.

Há duas grandes tentações na vida cristã, e em certo sentido, quanto melhor seja alguém, mais exposto encontra-se às mesmas. Em primeiro termo, está a tentação de tentar ganhar o favor de Deus e a Deus ninguém pode dar nada; o homem sempre tem que receber dele. Em segundo lugar vem a tentação de que o homem que obteve algum pequeno êxito pretenda comparar-se com seu próximo para sua própria vantagem e desvantagem do outro. O cristianismo ao qual fica bastante do "eu" para pensar que por seus próprios esforços pode agradar a Deus, e que com seus próprios logros pode mostrar-se superior aos homens comuns, não tem nada de verdadeiro cristianismo.

UMA VIDA CRUCIFICADA E RESSUSCITADA

Gálatas 2:18-21

O que Paulo expressa aqui surge de sua profunda experiência pessoal. Para ele a nova ereção de toda a fábrica da Lei tivesse

significado um suicídio espiritual. Diz que por meio da Lei tinha morrido à Lei para poder viver para Deus. O alcance desta afirmação é o seguinte: tinha tentado o caminho da Lei; com toda a terrível intensidade de seu ardente coração tinha pretendido ganhar o favor de Deus, ficar em boas relações com ele, vivendo uma vida que tentava obedecer cada cláusula da Lei. Tinha chegado a dar-se conta de que esse intento não o conduzia a outra coisa senão a uma sensação cada vez mais profunda de fracasso, à convicção cada vez mais profunda de que jamais poderia corrigir sua relação com Deus mediante nada que pudesse fazer. Tudo o que tinha feito a Lei era lhe mostrar sua própria impotência. Depois desta experiência tinha abandonado bruscamente o caminho da Lei e se lançou, pecador como era, na misericórdia de Deus. A Lei o tinha conduzido a Deus. Retornar agora à Lei teria significado simplesmente voltar a enredar-se no miasma mortal do sentido de afastamento de Deus. Tão grande era essa mudança que a única maneira de descrevê-lo era dizendo que tinha sido crucificado com Cristo e que o homem que ele próprio tinha sido tinha morrido. E agora a vida que o animava não era outra coisa senão o poder de Cristo mesmo. "Se puder por mim mesmo regularizar minha situação perante Deus mediante a obediência meticulosa da Lei, que necessidade há então da graça? Se posso ganhar minha própria salvação, então por que Cristo teve que morrer?"

Paulo possuía a absoluta certeza de que Jesus Cristo fazia por ele o que ele jamais poderia fazer por si mesmo. Martinho Lutero foi um homem que viveu em carne própria a experiência de Paulo. Lutero foi um exemplo de disciplina e penitência, de renúncia e mortificação. "Se alguma vez", disse "alguém pudesse salvar-se pela vida monástica, esse teria sido eu". Tinha viajado a Roma. Pensou aqui que era um ato de muito mérito subir de joelhos a Scala Sancta, a grande escada sagrada da paixão. Na fatigante ascensão buscava ganhar méritos; mas de repente uma voz do céu lhe disse: "O justo viverá pela fé". A vida em paz com Deus não podia obter-se mediante esse esforço fútil, inacabável e fracassado: só se conseguia a pessoa lançando-se ao amor e à

misericórdia de Deus revelados por Jesus Cristo ao homem. A paz chega quando o homem abandona uma luta que o orgulho do eu pensa que pode ganhar, mas que sempre perde, e quando se entrega ao amor perdoador de Deus.

Quando Paulo tomou a palavra a Deus, a noite escura da frustração da Lei se tornou para ele num amanhecer de graça.

Gálatas 3

O dom da graça - 3:1-9

A maldição da lei - 3:10-14

A aliança inalterável - 3:15-18

Encerrados no pecado - 3:19-22

O advento da fé - 3:23-29

O DOM DA GRAÇA

Gálatas 3:1-9

Aqui Paulo usa outro argumento para mostrar que o que justifica o homem perante Deus é a confiança nele e não nas obras da Lei. Na Igreja primitiva os convertidos quase sempre recebiam o Espírito Santo de uma maneira perfeitamente visível e manifesta. Os primeiros capítulos de Atos mostram que este acontecimento se repetia (cf. Atos 8:14-17; 10:44). Uma nova infusão de vida e poder, por todos contemplada, afluía a eles. Esta mesma experiência tinha sido vivida pelos Gálatas. Tinha acontecido — diz Paulo em forma irrefutável — não porque tivessem obedecido as prescrições da Lei, da qual nem sequer tinham ouvido então, mas sim porque tinham ouvido a boa notícia do amor de Deus e tinham respondido com um ato de perfeita confiança.

A maneira mais fácil de captar uma idéia é vê-la encarnada numa pessoa. Em certo sentido cada palavra importante deve fazer-se carne. Por isso Paulo, tão fervoroso como esclarecedor, remete-se agora a um homem que era a encarnação da fé. Este homem era Abraão. Deus fez a

grande promessa a Abraão de que nele seriam benditas todas as famílias da Terra (Gênesis 12:3). Sua eleição particular deve-se a que foi do agrado de Deus. No que Abraão agradou a Deus de uma maneira tão particular? Não foi cumprindo as obras da Lei, pois naquela época a Lei não existia, mas sim tomando a Deus pela palavra, confiando inteiramente nEle, abandonando todas as coisas terrenas e entregando-se num grande ato de fé. Agora, a promessa de bênção era para todos os descendentes de Abraão. O judeu tinha fé nisto; sustentava que a mera descendência física de Abraão o colocava perante Deus num plano diferente com respeito a outros homens. Paulo mudou todo este raciocínio. Para ser descendente de Abraão não interessa a descendência de carne e sangue; o verdadeiro descendente é o que em qualquer época e geração faz o mesmo ato e a mesma aventura de fé. Por conseguinte, não são os que buscam méritos por meio da Lei os que herdam as promessas feitas a Abraão, mas sim os que em qualquer nação repetem o ato de fé em Deus de Abraão. Os Gálatas tinham começado com um ato de fé. Certamente, argúi Paulo, não têm que agora voltar atrás para voltar a cair no legalismo e perder sua herança.

Esta passagem é particularmente densa em palavras gregas que têm sua história, palavras que levavam consigo uma atmosfera e experiência próprias.

No versículo 1 Paulo fala do *olho grande*. Os gregos temiam muito o malefício feito por um olho grande. As cartas privadas costumam acabar com sentenças semelhantes a esta: "Acima de tudo rogo para que desfrute de boa saúde *ilesos do olho grande* e sendo próspero " (Milligan, *Selections from the Greek Papyri*, Nº 14). No mesmo versículo diz-se que Jesus Cristo está *fixo* diante deles sobre a cruz. O termo grego (*prografein*) era empregado quando se colocava um pôster. Em realidade um pai o usava para dizer que no futuro não seria mais responsável pelas dívidas de seu filho; também se aplicava à colocação do anúncio de uma venda em público leilão.

No versículo 3 Paulo refere-se a que tinham começado sua experiência no Espírito e a *acabariam* na carne. Os termos aqui usados são os normais em grego para começar e completar um sacrifício. O primeiro (*enarguesthai*) significa espalhar os grãos de cevada em cima e ao redor da vítima como primeiro ato do sacrifício. O segundo (*epiteleisthai*) usa-se para o cumprimento pleno do ritual de cada sacrifício. Recorrendo a estas duas palavras Paulo dá a entender que considera toda a vida cristã como um sacrifício a Deus.

O versículo 5 fala de Deus que dá generosamente aos Gálatas. A raiz desta palavra grega é *coregia*. Na Grécia antiga os dramaturgos de fama como Eurípides e Sófocles apresentavam seus obra por ocasião dos grandes festivais: todos os dramas gregos tinham um coro. Equipar e preparar um coro era muito custoso e os cidadãos que tinham espírito patriótico ofereciam generosamente resolver todos os gastos do coro. Mais adiante, em época de guerras os cidadãos patriotas livremente ofereciam suas contribuições ao Estado. Isto é o que se descreve com o termo *coregia*. Mais adiante ainda no grego dos papiros a palavra faz-se comum nos contratos matrimoniais para descrever o sustento que por amor, o marido oferecia à sua mulher. O termo sublinha pois a generosidade de Deus, uma generosidade que nasce do amor, e da qual o amor dos cidadãos por sua cidade e do homem por sua mulher são pálidas sugestões.

A MALDIÇÃO DA LEI

Gálatas 3:10-14

Novamente a argumentação de Paulo quer levar a seus adversários a um beco sem saída. "Suponhamos", diz, "que vocês decidem seguir o procedimento de tratar de ganhar o favor de Deus ou sua aprovação mediante a aceitação da Lei e sua obediência e que desta maneira tentam entrar em boa relação com Deus, qual é então a conseqüência lógica e inevitável?" Em primeiro termo, o homem que age assim se manterá em

pé ou cairá por sua própria decisão; se escolher a Lei tem que viver por meio da Lei. Em segundo termo, é impossível agir desta maneira: ninguém obteve nem obterá jamais a contínua observância, obediência e satisfação da Lei.

Em terceiro lugar, sendo isto assim estão sob maldição porque a mesma Escritura (Deuteronômio 27:26) diz que o homem que não observa toda a Lei é maldito. Por este caminho a maldição é o fim lógico e inevitável de tentar justificar-se perante Deus fazendo da Lei o princípio de vida. Mas a Escritura tem outra afirmação: "O justo por sua fé viverá" (Habacuque 2:4). Desta maneira o único caminho para uma correta relação com Deus e, portanto, o único caminho para conseguir a paz, é o da fé, o da aceitação, o da entrega.

Mas o princípio da Lei e o da fé são totalmente antitéticos; não se pode dirigir a vida por ambos ao mesmo tempo; terá que escolher; e em consequência a única escolha lógica é a de abandonar a via do legalismo e aventurar-se pela da fé tomando a Deus pela palavra e confiando em seu amor.

E como podemos saber que tudo isto é assim? O último fiador de sua verdade é Jesus Cristo; e para nos trazer essa verdade morreu na cruz. Agora, a Escritura diz que todo homem que é pendurado num madeiro, é maldito (Deuteronômio 21:23); e para nos libertar desta maldição da Lei Jesus mesmo se fez maldição. Desta maneira nos manifestou o amor de Deus.

Até em seus maiores compromissos — e aqui sente o peso dos mesmos — Paulo mantém sempre nítido em sua mente e coração um fato simples mas tremendo: *o custo do evangelho cristão*. Jamais esquecerá que a paz, a liberdade, a relação de justiça com Deus que possuímos custaram a vida e a morte de Jesus Cristo, porque como teriam chegado os homens a saber alguma vez de que maneira é Deus se Jesus não tivesse morrido para lhes dizer que Deus os ama assim?

A ALIANÇA INALTERÁVEL**Gálatas 3:15-18**

Quando lemos uma passagem semelhante a esta e a que vem a seguir devemos lembrar que Paulo era um acostumado rabino, um perito nos métodos escolásticos das academias rabínicas. Podia usar e de fato usava seus métodos de argumentação, conclusivos e convincentes para os judeus, ainda que para nós sejam difíceis de seguir e entender. Paulo quer demonstrar a superioridade do caminho da graça sobre o caminho da Lei. Começa mostrando que o caminho da graça é mais antigo que o da Lei. Quando Abraão teve feito sua aventura de fé recebeu de Deus sua grande promessa. Isto significa que a promessa de Deus foi conseqüente a um ato de fé; a base da aliança entre Deus e Abraão foi a fé. A Lei, pelo contrário, não veio até a época de Moisés, quatrocentos e trinta anos mais tarde.

Mas — continua Paulo — quando uma aliança, um acordo ou um testamento se assentam e ratificam devidamente, já não pode dar-se alguma alteração nem o agregado de cláusulas adicionais ou codicilos; deve permanecer inalterável. Por esta razão a Lei posterior não pode alterar o primitivo caminho de fé. Foi a fé a que justificou a Abraão perante Deus; a Lei não pode mudar este fato. A fé segue sendo ainda o único caminho para que o homem entre em correta relação com Deus.

Os rabinos eram afeiçoados a usar argumentos que dependiam do significado, uso e interpretação de cada palavra. Construíam toda uma teologia sobre uma só palavra. É o que faz Paulo ao tomar uma só palavra da história de Abraão para erigir sobre ela toda uma argumentação.

O apóstolo retrocede à antiga promessa feita a Abraão em Gênesis 17:7-8. Aqui Deus disse a Abraão: “Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua *descendência*”. Para maior clareza substituamos a palavra *descendência* por *semente* que é a que usa Paulo. O argumento de Paulo está em que a palavra *semente* se usa no *singular*, e não no

plural, e que, portanto, a promessa de Deus não se referia a uma grande massa de povo, mas sim a um *indivíduo em particular*. E — prossegue o argumento de Paulo — a única pessoa em quem a aliança encontra sua consumação é Jesus Cristo. Portanto, o caminho da paz e da correta relação com Deus é o da fé que Abraão tinha empreendido, o caminho no qual recebeu a promessa de Deus; e isto mesmo devemos repeti-lo voltando o olhar a Jesus Cristo com uma fé perfeita.

Paulo volta sempre de novo ao mesmo ponto. Todo o problema da vida humana está em chegar a uma relação justa com Deus. Enquanto estejamos dominados pelo medo a Deus e Deus seja o estranho implacável, não pode haver paz na vida. Como podemos levar a cabo esta correta relação? Tentando obtê-la mediante uma meticulosa e mortificante obediência à Lei? Mediante a realização sem trégua de obras? Mediante a observância da mais mínima prescrição da Lei?

Por este caminho sempre estaremos em falta, porque a imperfeição do homem jamais pode cumprir satisfatoriamente a perfeição de Deus; a vida é uma permanente frustração; tentamos continuamente subir a uma montanha cujo topo jamais aparece, continuamente sob condenação. Mas se abandonarmos simplesmente esta luta desesperançada e nos entregamos a Deus com nosso pecado, então sua graça nos abre os braços e ficamos em paz com um Deus que já não é juiz, mas sim Pai. Toda a argumentação de Paulo é que isso foi o que aconteceu com Abraão; sobre esta base Deus realizou sua aliança com ele. E nada do que aconteceu depois pôde nem pode mudar essa aliança assim como nada pode alterar um testamento já ratificado e selado.

ENCERRADOS NO PECADO

Gálatas 3:19-22

Estas é um das passagens mais difíceis escritas por Paulo. É tão difícil que existem quase trezentas interpretações diferentes! Começemos

lembrando que Paulo ainda tenta demonstrar a superioridade do caminho da graça e da fé sobre o da Lei.

Sobre a Lei se destacam três pontos.

(1) Para que foi então a Lei? Foi introduzida, como Paulo aponta, por causa *das transgressões*. A afirmação significa — num pensamento favorito de Paulo — que onde não há Lei tampouco há pecado. Não se pode quebrantar uma lei que não existe. Antes que o homem seja estigmatizado como pecador deve ter conhecido a Lei. Não pode ser condenado por agir mal enquanto desconheça que o que faz é mau. Portanto a função da Lei é a de *definir o pecado*. A Lei pode definir o pecado e de fato o faz mas é incapaz de remediá-lo. Vê-se ao mesmo tempo a força e a fraqueza da Lei. Seu força está em que define o pecado; sua fraqueza em que nada pode fazer por remediá-lo. É como um médico perito em diagnóstico mas incapaz de remediar o mal que diagnostica.

(2) A Lei não foi dada diretamente por Deus. No antigo relato de Êxodo 20 a Lei foi dada diretamente a Moisés. Mas resulta que na época de Paulo os rabinos estavam tão impressionados pela sublime santidade e a distância e afastamento absolutos de Deus, que criam que não podia ter comunicação direta com os homens; portanto introduziram a idéia de que a Lei tinha sido dada primeiro aos anjos e logo por estes a Moisés (cf. Atos 7:53; Hebreus 2:2). Paulo se vale aqui das idéias rabínicas de sua época. A Lei, pois, está duplamente separada de Deus. Foi dada primeiro aos anjos e logo a um mediador: Moisés. Comparado com a *promessa*, que foi dada por Deus de uma maneira absolutamente direta, a *Lei* é de segunda mão porque se recebeu por intermediários.

(3) Agora chegamos a esta expressão extraordinariamente difícil: “Ora, o mediador não é de um, mas Deus é um.” Qual é aqui o pensamento de Paulo? Um acordo baseado sobre a lei implica sempre *duas* pessoas. Há aquele que o dá e aquele que o aceita. O acordo depende da ação dos dois. Se aquele que receber as condições as quebranta, provoca o desmoronamento de todo o acordo. Todo acordo

legal depende das duas partes que participam do mesmo. Esta é a posição daqueles que põem sua confiança numa lei estipulada. Quebrantada a lei todo o acordo fica anulado. Mas uma promessa depende só de *uma* pessoa; faz-se a promessa e ninguém mais pode quebrantá-la ou mudá-la. Agora, o caminho da graça depende inteiramente de Deus: trata-se de sua promessa, de sua graça, de seu amor. Ninguém pode mudar isto. Poderá o homem pecar, desencaminhar-se, mas o amor e a graça de Deus permanecem inalteráveis. Para Paulo a fraqueza da Lei estava em sua dependência de duas pessoas: não somente do legislador mas também de que o homem a guardasse e o homem a tinha quebrantado. A graça, pelo contrário, depende inteiramente de Deus; nada do que o homem faça pode anulá-la. Com toda segurança, e mais além de toda argumentação, é melhor depender da graça de um Deus que não muda que dos esforços condenados ao fracasso de homens impotentes.

(4) Logo a Lei está em absoluta contraposição à graça? Se Paulo seguisse a lógica diria "sim", mas de fato responde "não". Afirma que a Escritura encerrou tudo sob o pecado. Seu pensamento se remonta a Deuteronômio 27:26 onde diz-se que todo aquele que não age de acordo com as palavras da Lei cai sob maldição. Agora, de fato trata-se de *todos* porque ninguém jamais observou nem poderá observar perfeitamente a Lei. Qual é, então, a consequência da Lei? A Lei tem a simples consequência de conduzir a todos a buscar a graça, porque põe em evidência a impotência do homem. Este é um pensamento que Paulo desenvolve no capítulo seguinte. Aqui só o sugere ou insinua. O grande valor da Lei e seu lugar supremo era o de conduzir o homem à graça no mesmo momento em que descobria sua incapacidade para satisfazê-la. Que alguém se esforce para obter uma relação correta com Deus pelo caminho da Lei, e cairá na conta de sua impotência e descobrirá que tudo o que pode fazer é aceitar a maravilha da graça que Jesus Cristo veio a anunciar.

O ADVENTO DA FÉ**Gálatas 3:23-29**

Nesta passagem Paulo ainda está pensando no papel essencial que desempenhava a Lei no plano e na economia divinos. No serviço doméstico no mundo grego existia o chamado *paidagogos*. Não era o professor. Ordinariamente tratava-se de um escravo velho e de confiança de qualidades relevantes que tinha vivido muitos anos na família. Estava a seu cargo o bem-estar moral do menino. Tinha a obrigação de cuidar para não cair nas tentações ou perigos da vida e que adquirisse as qualidades essenciais do homem. Entre seus deveres existia um particular: levar a menino à escola e trazê-lo diariamente. Nada tinha que ver com o ensino em si; sua obrigação era levá-lo são e salvo à escola para entregá-lo a seu professor. A isto se parecia, dizia Paulo, a função da Lei. A Lei estava para conduzir o homem a Cristo; ela não podia colocá-lo em sua presença mas tinha a capacidade de colocá-lo numa posição da qual o mesmo homem pudesse entrar. A função da Lei era levar a homem a Cristo demonstrando que ele, por si mesmo, era absolutamente incapaz de observar a Lei. Esse mesmo sentido de fracasso e incapacidade o conduzia a Cristo. Mas depois que a pessoa chegava a Cristo já não necessitava mais da Lei, porque já não dependia dela, mas sim da graça.

"Porque todos quantos fostes batizados em Cristo", diz Paulo, "de Cristo vos revestistes." Aqui podemos notar duas vívidas figuras. O batismo era um costume ritual judaico. Se alguém queria aceitar a fé judaica devia cumprir três requisitos. Devia ser circuncidado, oferecer sacrifícios e ser batizado. A bacia de bronze cerimonial para limpar a contaminação era muito comum nas práticas judaicas (cf. Levítico, capítulos 11-15). Os detalhes do batismo judeu eram os seguintes: o homem que ia ser batizado cortava o cabelo e as unhas e se despia completamente; o banho batismal devia conter 40 seaks, quer dizer quase uns quinhentos litros de água. A água devia tocar todas as partes do

corpo. O batizando fazia profissão de sua fé diante de três homens chamados *pais do batismo*. Enquanto estava ainda na água era-lhe lida parte da Lei, era-lhe dirigido palavras de exortação e se pronunciavam bênçãos em seu favor. Ao sair da água já era membro da fé judia. Entrava na fé judia por meio do batismo; era batizado nessa fé.

Por meio do batismo cristão o homem entrava em Cristo. Os cristãos primitivos consideravam o batismo como algo que verdadeira e realmente produzia a união com Cristo. É obvio deve-se notar que numa situação de missão, onde os homens provinham diretamente do paganismo, o batismo era em grande parte para adultos e estes necessariamente teriam uma experiência que os meninos não tinham. Agora, com o mesmo realismo com que o convertido judeu se unia à fé judia e era recebido na mesma, o cristão convertido se unia a Cristo entrando no batismo (cf. Romanos 6:3 ss.: Colossenses 2:12). O batismo não era uma mera forma exterior ou cerimônia, era uma união real com Cristo. Paulo continua dizendo que eles se revestiram de Cristo. Possivelmente aqui se faça referência a um costume que com segurança existiu mais tarde. O candidato ao batismo era revestido com vestes totalmente brancas, simbólicas da nova vida a que entrava. No momento em que o iniciado se revestia desta nova vestimenta, revestia-se de Cristo; sua vida estava revestida de Cristo.

De tudo isto resulta que na Igreja não há diferença alguma entre seus membros; todos chegaram a ser igualmente filhos de Deus. No versículo 28 Paulo diz que ficou anulada toda diferença entre judeu e grego, entre escravo e livre, entre varão e mulher. Aqui encontramos algo que é de sumo interesse. Na forma judia da oração matutina — que Paulo teria usado durante toda sua época pré-cristã — há uma ação de graças em que o judeu agradece a Deus o seguinte: "Você não me fez pagão, escravo ou mulher." Paulo faz uso desta prece dando o sentido contrário. As antigas diferenças ficaram abolidas; em vez da desunião há unidade; em vez da separação há comunhão; todos são um em Cristo.

Já vimos (versículo 16) que Paulo interpreta a promessa feita a Abraão como cumprida especialmente em Cristo; e se formos um com Cristo, herdamos também as promessas e este grande privilégio cabe a nós, porém não pela observância legalista da Lei mas por um ato de fé na graça livre e generosa de Deus.

Há uma só coisa que pode anular as discriminações sempre crescentes, diferenças e separações que se dão entre os homens. Quando todos sejam devedores da graça divina e quando todos estejam em Cristo, então, e somente então, todos serão um. Não é a força do homem, mas sim a força de Deus a única capaz de unir o mundo desunido.

Gálatas 4

Os dias da infância - 4:1-7

Progresso e retrocesso - 4:8-11

A atração do amor - 4:12-20

Uma história antiga e um significado novo - 4:21 – 5:1

OS DIAS DA INFÂNCIA

Gálatas 4:1-7

No mundo da antigüidade o processo de desenvolvimento era muito mais definido que na atualidade.

(1) No mundo judeu, quando um menino fazia doze anos, no seguinte sábado o pai o levava à sinagoga, onde se convertia em *filho da Lei*. Nessa ocasião o pai pronunciava sobre o filho uma bênção: "Bendito sejas, ó Deus, que me tiraste a responsabilidade sobre este filho." O menino recitava uma oração em que dizia: "Meu deus e Deus de meus pais!, neste dia solene e sagrado que assinala meu passo da infância à vida adulta, levanto humildemente meus olhos em torno de ti e declaro com sinceridade e fidelidade que de agora em diante observarei teus mandamentos e assumirei a responsabilidade de minhas ações perante

ti." Na vida do jovem existia uma clara linha divisória. Quase da noite para o dia o menino se transformava em homem.

(2) Na Grécia o menino estava sob o cuidado paterno dos sete até os dezoito anos. Era então quando se fazia um *efebos* que pode traduzir-se *cadete*, e por dois anos ficava sob a direção do Estado. Os atenienses estavam divididos em dez *fratriai* ou *clãs*. Antes de que o moço se fizesse *efebos* era recebido no clã num festival chamado *Apatouria*. Numa cerimônia lhe cortavam os longos cabelos para oferecer-lhe aos deuses. Também neste caso, o crescimento era um processo bem definido.

(3) Sob a lei romana não estava estabelecida definitivamente a idade em que um menino se fazia maior, mas sempre tência lugar entre os 14 e os 17 anos. Num festival sagrado da família chamado *Liberalia* se tirava a *toga praetexta*, que era uma toga com uma estreita banda púrpura no arena inferior, e se revestia da *toga virillis* que era a toga lisa própria dos adultos. Então era conduzido por seus amigos e familiares ao fórum para ser introduzido formalmente na vida pública. Tratava-se essencialmente de uma cerimônia religiosa. E mais uma vez havia um dia bem definido em que o moço se fazia maior. Existia entre os romanos o costume de que esse dia o menino ou a menina ofereciam sua bola ou sua boneca, respectivamente, a Apolo para mostrar que tinham deixado de lado as coisas de menino. Quando um menino era *infante* podia ser realmente proprietário de uma vasta fazenda mas não podia tomar decisões legais; não tinha o domínio de sua própria vida; tudo era feito e dirigido por ele, portanto na prática não possuía maior liberdade que um escravo. Mas quando se tornava adulto começava a dispor plenamente de sua herdade e a desfrutar da liberdade dos adultos.

Assim, pois, sustenta Paulo, a lei dominava num mundo que estava na infância. Mas a lei só era um conhecimento elementar. Para descrevê-lo Paulo usa a palavra *stoiqueia*. Um *stoiqueion* significava originalmente uma fileira de coisas, por exemplo, uma fila de soldados. Mas chegou a significar o ABC; e logo, todo ensino ou conhecimento

elementar. Ainda devemos advertir a existência de outro significado que alguns vêem aqui. Também pode referir-se aos elementos dos que se compõe o mundo e em particular aos astros.

Agora, o mundo antigo estava obcecado pela crença na astrologia. Se a gente nascia sob um determinado astro, seu destino — assim pensavam eles — estava fixado e predeterminado. Os homens viviam sob a tirania dos astros e desejavam conhecer seu secreto. Alguns investigadores pensam que aqui Paulo diz que numa época os Gálatas viviam obcecados, espantados e tiranizados por sua crença na influência funesta dos astros. Mas todo o contexto parece exigir que *stouqueia* se tome necessariamente no sentido de conhecimento elementar e rudimentar. Desta maneira Paulo diz que quando os Gálatas — e em realidade todos os homens — eram meros meninos impotentes, estavam sob a tirania da lei; logo, quando tudo esteve disposto, veio Cristo para libertar o homem desta tirania. De modo que agora já não são escravos da lei; converteram-se em filhos e partícipes diretos de sua herança. A infância que estava sob a lei fica no passado; chegou a liberdade do homem cabal.

A prova de que somos filhos é dada pelo clamor instintivo do coração. Na necessidade mais profunda o homem eleva seu olhar e exclama: "Pai!" a Deus. Paulo usa a dupla frase: "Abba!, Pai!" *Abba* é a palavra aramaica para pai. Deve ter estado com freqüência nos lábios de Jesus e era um som tão sagrado que se conservou em sua língua original. Este clamor instintivo do coração do homem é para Paulo obra do Espírito Santo. E se nossos corações clamam assim, sabemos que somos filhos e que toda a herança da graça é nossa. Para Paulo o homem que governava sua vida submetendo-se à escravidão da Lei era ainda um menino; aquele que aprendia o caminho da graça chegava a ser um homem amadurecido, cabal, na fé cristã.

PROGRESSO E RETROCESSO**Gálatas 4:8-11**

Nesta seção Paulo baseia ainda seu pensamento na concepção de que a Lei é um estágio elementar da religião e de que o homem amadurecido é aquele que vive da graça. A Lei estava muito bem para uma época antiga em que não existia nada melhor. Mas agora os Gálatas tinham chegado ao conhecimento de Deus e de sua graça. Logo Paulo se corrige — o homem não pode conhecer a Deus por seu próprio esforço; Deus é quem por sua graça se revela ao homem. Nós jamais podemos buscar a Deus se Ele não nos encontrar primeiro. De modo que agora lhes pergunta: "Estão retrocedendo para um estágio que já faz muito devia ter ficado superado? Pensam progredir retrocedendo"

Às coisas elementares, a religião baseada na Lei, Paulo as chama *rudimentos fracos e pobres*.

(1) A Lei é *fraca* porque é impotente. Pode definir o pecado, pode assinalar ao homem que peca e fazê-lo sentenciado de pecado; mas não pode lhe oferecer o perdão do pecado passado nem a força para superá-lo no futuro. A fraqueza básica e inata da Lei está em que pode diagnosticar a enfermidade mas não curá-la.

(2) A Lei é um *pobre rudimento* em comparação com o esplendor da graça. Por sua própria natureza a Lei pode agir numa só situação. Para cada nova situação o homem necessita uma nova Lei; mas a maravilha da graça está em que é *poikilos: variada, multicolor*. Quer dizer, que não há nenhuma situação possível na vida que não possa ser iluminada pela graça. A Lei, por assim dizer, vai tropeçando de crise em crise; a graça é suficiente para todas as coisas.

Uma das características da Lei judia era a observância especial de dias e estações. Nesta passagem os *dias* são os sábados de cada semana; os *meses* são as Luas novas consideradas como ocasiões especiais; os *tempos* são as grandes festas anuais como Páscoa, Pentecostes e a festa dos Tabernáculos; os *anos* são os anos sabáticos, cada sétimo ano, que

revestiam um caráter muito particular. O fracasso de uma religião que depende de dias e estações especiais está em que quase inevitavelmente divide os dias em sagrados e profanos, dias que pertencem a Deus e dias em que o homem pode fazer o que achar melhor. E o outro passo quase igualmente inevitável está em que quando a pessoa observou meticulosamente os dias especiais se inclina a pensar que cumpriu sua obrigação com Deus.

Ainda que esta era a religião legalista estava muito longe de ser a religião profética. É declarado que: "O antigo povo de Israel não tinha em seu idioma uma palavra que correspondesse a 'religião' tal como se usa usualmente hoje. A vida em sua totalidade era considerada como proveniente de Deus e sujeita à sua Lei e governo. Não podia existir na mentalidade judia uma parte da vida separada com o rótulo de 'religião'. Jesus Cristo não disse: 'vim para que tenham religião', mas sim 'vim para que tenham vida e a tenham em abundância'."

Fazer da religião uma questão de dias, meses y tempos é transformá-la em algo totalmente externo. Para o verdadeiro cristão cada dia é um dia de Deus. Paulo abrigava o temor de que homens que uma vez tinham conhecido o esplendor da graça recaíssem novamente no legalismo; que homens que uma vez tinham vivido na presença de Deus o reduziram a dias especiais.

A ATRAÇÃO DO AMOR

Gálatas 4:12-20

Paulo faz aqui um chamado pessoal, não teológico, porque não usa um argumento do intelecto mas sim formula um chamado ao coração. Lembra-lhes que por causa deles ele mesmo se fez gentio. Tinha abandonado o caminho e os privilégios de seu povo; tinha cortado com as tradições nas quais tinha sido criado; converteu-se no que eles eram. E agora lhes roga que não tratem de fazer-se judeus, mas sim sejam como ele.

Aqui temos uma referência ao espinho na carne de Paulo. Quando pela primeira vez os Gálatas o tinham conhecido, estava doente. Discutiremos mais a fundo o tema do espinho quando chegarmos à passagem clássica de 2 Coríntios 12:7. Sustentou-se que se tratava da perseguição sofrida; das tentações da carne das quais diz não ter podido nunca suprimir; de sua aparência física que os coríntios consideravam desprezível (2 Coríntios 10:10). A tradição mais antiga sustenta que o espinho eram violentas dores de cabeça que o deixavam prostrado. Da mesma passagem surgem duas indicações. Os Gálatas lhe teriam dado seus próprios olhos se isto tivesse sido possível. Sugeriu-se que os olhos de Paulo poderiam lhe haver incomodado sempre devido ao fato de que o ofuscamento da glória no caminho a Damasco teria sido tão grande, que em diante só pôde ver confusa e dificilmente. As palavras *não me revelastes desprezo nem desgosto* significam literalmente *não me cuspiastes*.

Agora, no mundo antigo existia o costume de cuspir quando alguém se encontrava com um epilético, a fim de rechaçar a influência do mau espírito que se pensava residia no doente; sugeriu-se, pois, que Paulo pôde ter sido epilético.

Vejam se podemos descobrir quando Paulo chegou em Galácia, e se for possível deduzir por que foi. É bem possível que Atos 13:13-14 descreva a chegada de Paulo a Galácia. Esta passagem apresenta um problema. Paulo, Barnabé e Marcos tinham chegado de Chipre ao continente. Foram a Perge de Panfília onde Marcos os abandonou. Daqui seguiram diretamente a Antioquia da Pisídia na província de Galácia. Por que Paulo não pregou em Panfília? Tratava-se de um distrito muito povoado. Por que escolheu ir a Antioquia da Pisídia? O caminho que conduzia ali sobre a meseta central era um dos mais difíceis e perigosos do mundo. Provavelmente por esta razão foi que Marcos os abandonou voltando para sua casa. Por que esta fuga inoportuna de Panfília? A razão bem poderia ser a seguinte: Panfília e a zona plana costeira eram lugares onde a malária fazia estragos. É mais que provável que Paulo

tenha contraído a malária, e seu único remédio fosse buscar as zonas altas da Galácia, e portanto, quando se apresentou entre os Gálatas estaria doente. Agora, essa malária é intermitente e vai acompanhada por terríveis dores de cabeça que os que os experimentaram compararam a "um ferro em brasa que atravessa a fronte" ou ao aparelho do dentista que furasse a têmpora. Bem poderia ser que este sofrimento terrível, incurável e que deixava prostrado, fosse o espinho na carne que torturava a Paulo quando chegou pela primeira vez a Galácia.

O apóstolo faz alusão àqueles que cortejavam diligentemente os Gálatas; refere-se aos que tentavam persuadi-los que adotarem as práticas judias. Adulavam-nos com o único propósito de que aceitassem as barreiras da Lei. Se podiam persuadir os Gálatas a adotarem as práticas judias, estes teriam que solicitar humildemente que lhes fosse permitido circuncidar-se e os deixassem entrar para o povo judeu. Adulavam os Gálatas, mas com o único propósito de dominá-los, reduzindo-os à sujeição a eles e à Lei.

Finalmente Paulo usa uma metáfora muito gráfica. Levar os Gálatas a Cristo havia custado uma dor semelhante às dores de parto de uma mãe; e agora tinha que passar outra vez por tudo isso. Cristo está neles como em embrião. Ele tem que fazê-los nascer em Cristo.

Ninguém pode deixar de ver o profundo afeto das últimas palavras. *meus filhinhos* — os diminutivos em latim e em grego expressam sempre um profundo afeto. João usa com frequência esta expressão; mas Paulo não a tem em nenhum outro lugar; aqui seu coração se transborda. Advertimos que não repreende com palavras amargas, mas sim sussurra com ternura por seus filhos desviados.

Diz-se do Florence Allshorn, a famosa missionária e professora, que se tinha motivos para repreender a alguém de seus estudantes o para com, por dizê-lo assim, como se o estivesse estreitando entre seus braços. O acento do amor penetra onde o tom da irritação jamais abre caminho.

UMA HISTÓRIA ANTIGA E UM SIGNIFICADO NOVO**Gálatas 4:21—5: 1**

Quando interpretamos uma passagem como esta sempre devemos lembrar que para o judeu devoto e estudioso, e especialmente para os rabinos, a Escritura tinha mais de um sentido, e pode-se dizer com verdade total que o sentido literal com freqüência era considerado o menos importante. Para os rabinos judeus toda passagem da Escritura possuía quatro significados.

- (1) *Peshat*: o significado simples e literal.
- (2) *Remaz*: o significado sugerido.
- (3) *Derush*: o significado implícito, que se deduzia por meio da investigação.
- (4) *Sod*: o sentido alegórico.

As primeiras letras destas quatro palavras — P R D S — são as consoantes da palavra *paraíso* (*paradisus*), e quando alguém conseguia penetrar estes quatro significados diferentes alcançava a glória do paraíso. Agora, deve-se notar que a meta suprema e cúspide de todos os significados era o *alegórico*. Por isso acontecia com freqüência que os rabinos tomavam uma simples parte do relato histórico do Antigo Testamento e viam no mesmo sentidos ocultos, que freqüentemente nos parecem fantásticos, mas que eram muito convincentes para o povo de seus dias. Paulo era um experiente rabino, e aqui procede da mesma maneira. Toma o relato que se refere a Abraão, Sara, Agar, Ismael e Isaque (Gen. 16, 17, 21) que no Antigo Testamento se apresenta como uma narração continuada, e faz dele uma alegoria para ilustrar seu argumento.

As linhas gerais do relato são as seguintes — Abraão e Sara eram de idade provector e não tinham tido filhos. Sara recorreu ao que qualquer esposa teria feito naquela época patriarcal: fez com que Abraão tivesse relações sexuais com sua jovem escrava, Agar, para ver se podia ter um filho dela. Agar teve um filho chamado Ismael. Enquanto isso Deus se

fez presente e prometeu a Sara um filho. Isto era tão difícil de crer que lhes pareceu simplesmente impossível, tanto a Abraão como a Sara. Mas no devido tempo nasceu Isaque. Isto significa que enquanto Ismael tinha nascido por impulso natural e humano da carne, Isaque nasceu pela promessa de Deus. Sara era uma mulher livre enquanto Agar era escrava. A princípio Agar se sentiu inclinada a gabar-se sobre a Sara, porque a esterilidade constituía uma afronta dolorosa para a mulher. A atmosfera estava recarregada de tensões. Mais tarde Sara chegou a surpreender a Ismael "zombando" de Isaque — isto para Paulo significa perseguição — e insistiu em que Agar fosse despedida, porque o filho da escrava não podia participar da herança com o filho da livre. Posteriormente a Arábia era considerada como o país dos escravos, onde continuavam habitando os descendentes de Agar.

Paulo recorre a este simples relato antigo e o alegoriza. Agar representa a antiga aliança da Lei, feita no monte Sinai, que de fato está na Arábia, o país dos descendentes de Agar. Agar mesma era escrava e todos os seus filhos tinham nascido na escravidão. Esta aliança cuja base era a Lei torna os homens seus escravos. O filho de Agar tinha nascido pelo mero impulso da natureza humana; e o legalismo é o melhor que o homem pode fazer de seu parte. Por outro lado Sara representa a nova aliança em Jesus Cristo, a nova maneira de tratar os homens de Deus, não mediante a Lei mas sim mediante a graça. Seu filho tinha nascido livre e todos os seus descendentes devem ser livres. Além disso não tinha nascido pelo impulso humano, mas pela promessa de Deus. No relato antigo o filho da escrava perseguia o filho da livre; isto se repete na maneira como os judeus perseguiram os cristãos; os filhos da Lei aos filhos da graça e da promessa. Mas no final, no relato antigo, o filho da escrava é despedido e não tem mais parte na herança; assim também os que são legalistas enfim serão despedidos para longe de Deus e não poderão participar da herança da graça.

Por estranho que isto pareça, encerra um fato importante. O homem que faz da Lei o princípio de sua vida está na posição de um escravo que

durante toda sua vida tenta dar satisfação a seu amo, a Lei. Enquanto que o homem que faz da graça o princípio de sua vida tem feito do amor o fator dominante. É um homem livre porque, como disse um grande santo, o princípio cristão é: "Ama a Deus e faça o que quiser." E será o poder deste amor e não a compulsão da Lei o que nos justifica: o amor sempre é mais poderoso que a Lei.

Gálatas 5

A relação pessoal - 5:2-12

A liberdade cristã - 5:13-15

As coisas más - 5:16-21

As coisas boas - 5:22-26

A RELAÇÃO PESSOAL

Gálatas 5:2-12

Na posição de Paulo o caminho da graça e o caminho da Lei se excluem mutuamente. O engano fundamental do homem que empreendia o caminho da obediência à Lei estava em pensar que algo que ele pudesse realizar fosse capaz de ganhar méritos perante os olhos de Deus; o caminho da Lei faz com que a salvação dependa do logro humano. Por outro lado, o homem que simplesmente adota o caminho da graça se lança com seu pecado na misericórdia e no amor de Deus. Paulo agora continua sustentando que se a pessoa aceitou a circuncisão, quer dizer uma parte da Lei, logicamente deve aceitar toda a Lei. Suponhamos que alguém quer naturalizar-se cidadão de um país; suponhamos que cumpre cuidadosamente com todas as normas, leis e prescrições do país que se referem à naturalização; não pode parar ali: está obrigado a aceitar também todas as outras normas, leis e prescrições.

Assim, pois, Paulo argumenta que se alguém se circuncidava, colocava-se sob a obrigação de cumprir toda a Lei a que a circuncisão o tinha introduzido. E se tomava esse caminho automaticamente dava as

costas ao caminho da graça como se Cristo jamais tivesse morrido por ele. Para Paulo tudo o que importava era a fé que opera por meio do amor. Esta é outra maneira de dizer que a própria essência da religião não é a Lei, mas a relação pessoal com Jesus Cristo; a ação do coração que assim ama a Cristo é que acima do corpo e da alma se entrega a Ele. A fé do cristão nunca se funda num livro, mas em uma pessoa; sua dinâmica não é a obediência a alguma Lei, mas sim o amor a Jesus Cristo,

No começo das coisas, os Gálatas tinham chegado a conhecer tudo isto mas agora estavam voltando-se outra vez à Lei. “Um pouco de fermento”, dizia Paulo, “leveda toda a massa.” Para o judeu o fermento representava quase sempre uma influência maligna. Em outras palavras, Paulo diz: “Este movimento legalista talvez não tenha chegado ainda muito longe; mas arranquem pela raiz antes que manche e destrua toda sua religião.”

Paulo termina com uma declaração rude e quase cruel. Galácia encontrava-se na cercania da Frígia. E a grande devoção desta parte do mundo era o culto a Cibele; agora, a prática dos sacerdotes e verdadeiros adoradores de Cibele consistia na mutilação, castrando-se. Os sacerdotes de Cibele eram eunucos. Por isso Paulo diz: “Se seguirem por esse caminho, do qual a circuncisão é o começo, poderiam terminar sendo castrados como esses sacerdotes pagãos.” É uma ilustração grosseira que nossa sociedade refinada rechaça, mas extremamente realista para os Gálatas que conheciam todo o relacionado com os sacerdotes de Cibele, que, de fato, viviam entre eles.

A LIBERDADE CRISTÃ

Gálatas 5:13-15

Com este parágrafo muda a ênfase da Carta de Paulo. Até aqui teve um caráter teológico, e agora se torna intensamente ética. Paulo tinha uma mente predominantemente prática. Mesmo quando esteve escalando

os topos mais altos do pensamento, sempre termina com uma nota prática. Para Paulo a teologia não tinha o menor valor se não podia ser vivida no mundo. Assim em Romanos, depois de escrever um dos tratados teológicos mais importantes do mundo, desce quase de repente à terra firme no capítulo 12 para dar expressão a reclamações e advertências de caráter eminentemente práticos.

Vincent Taylor disse certa vez: "A prova para descobrir o bom teólogo é se pode escrever um folheto." Quer dizer, numa pergunta: Depois dos vãos do pensamento pode reduzir todo isso a algo que o homem comum possa entender e realizar? Paulo sempre satisfaz triunfalmente esta prova. Nesta Carta o eixo está aqui. Submete-se todo o assunto à pedra de toque do viver diário.

A teologia de Paulo sempre corria um perigo. Se declarava que tinha chegado o fim do reino da Lei e tinha começado o reinado da graça, o intérprete deliberadamente mal-intencionado podia dizer: "Se for assim, posso fazer o que quero; todas as restrições foram suprimidas e posso seguir minhas inclinações, paixões, desejos e emoções, aonde quer que me levem. A Lei passou, a graça assegura de toda maneira o perdão." Mas até o fim do dia ficavam para Paulo duas obrigações.

(1) Uma não se menciona aqui mas está implícita em todo seu pensamento. É *a obrigação para com Deus*. Se Deus nos amou de tal maneira então o amor de Cristo nos constrange. Não posso manchar e sujar uma vida pela qual Deus pagou com sua própria vida.

(2) Há também *a obrigação para com nossos semelhantes*. Somos livres, mas esta liberdade é de tal índole que ama o próximo como a si mesmo. Os nomes das diferentes formas de governo são sugestivos. A *monarquia* é o governo de um; impôs-se no interesse da eficiência porque o governo de comitês teve sempre suas desvantagens. *Oligarquia* significa governo dos poucos; pode justificar-se sustentando que só poucos são capazes de governar. *Aristocracia* significa governo dos melhores. Mas não se define a palavra *melhor*. *Plutocracia* significa governo dos ricos; justifica-se aduzindo que aqueles que possuem os

maiores bens no país têm o direito lógico de administrá-los. Mas *democracia* significa governo do povo, pelo povo e para o povo. Agora, o cristianismo é a única verdadeira democracia porque num Estado cristão cada um pensaria tanto em seus semelhantes como em si mesmo. A liberdade cristã não é libertinagem pela simples mas tremenda razão que o cristão não foi feito livre para pecar, mas sim, pela graça de Deus, é livre para não *pecar*. O cristão é aquele que pelo Espírito de Cristo que habita nele, está tão purificado do eu que ama a seu próximo como a si mesmo, algo que não é possível senão para o cristão. No final Paulo acrescenta uma advertência breve mas severa: "A não ser que resolvam o problema da convivência", diz-lhes, "farão a vida impossível e insuportável." O egoísmo não exalta o homem; destrói-o.

AS COISAS MÁS

Gálatas 5:16-21

Ninguém era mais consciente das tensões da natureza humana que Paulo. Para ele era essencial que a fé e a liberdade cristãs não significassem liberdade para satisfazer o aspecto mais baixo da natureza humana, mas sim liberdade para viver a vida do Espírito. Aqui o apóstolo nos oferece um catálogo de coisas que são más. Atrás de cada palavra há todo um quadro, por isso que se têm que considerar separadamente.

Fornicação: tem-se dito com verdade que a única virtude completamente nova que o cristianismo ofereceu ao mundo foi a castidade. O cristianismo veio a um mundo em que a imoralidade sexual não só se perdoava, mas também que se considerava como normal e essencial à atividade ordinária da vida.

Impureza: a palavra que usa Paulo (*akatharsia*) é de muito interesse. Pode empregar-se para o pus de uma ferida não desinfetada, para uma árvore que nunca foi podada e para um material que nunca foi peneirado. Em seu forma positiva (*katharos*, adjetivo que significa *puro*)

usa-se ordinariamente nos contratos de aluguel para descrever uma casa que se deixa limpa e em boas condições. Mas o uso mais sugestivo do adjetivo *katharos* tem que ver com a purificação cerimonial que autoriza o homem a aproximar-se dos seus deuses. A impureza é então o que torna um homem inepto para apresentar-se perante Deus. É precisamente o contrário dessa pureza que pode ver a Deus. É o manchar a vida com aquelas coisas que nos separam de Deus.

Lascívia: esta palavra (*aselgeia*), foi bem definida como "disposição para todo prazer". O homem entregue a ela não conhece freio algum, ao contrário faz tudo o que o capricho e a insolência luxuriosa sugerem. Josefo a atribui a Jezabel quando construiu em Jerusalém, a cidade Santa, um templo a Baal. A idéia geral é a de alguém que chegou a tal extremo no gozo de seus prazeres e desejos que já não se preocupa do que as pessoas digam ou pensem.

Idolatria: esta palavra refere-se à adoração de deuses feitos pela mão do homem. É o pecado no qual as coisas materiais chegam a ocupar o lugar de Deus.

Feitiçarias: esta palavra significa literalmente *o uso de drogas*. Este uso pode ser benéfico, como no caso da medicina; mas pode também significar *envenenamento*, e veio a estar muito especialmente relacionada com o emprego de drogas nas bruxarias e sortilégios que enchiam o mundo antigo.

Inimizades: a idéia é a do homem que se caracteriza pela hostilidade para com seus semelhantes; trata-se precisamente do oposto à virtude cristã do amor aos irmãos e a todo homem.

Contendas: originariamente esta palavra tinha que ver principalmente com *a rivalidade pela recompensa*. Até com relação a isto também podia ter um bom sentido, mas de fato significava com mais freqüência a rivalidade que encontra desafogo em contendas, rixas e discussões.

Ciúmes: esta palavra (*zelos*, de onde se origina a nossa), tinha originariamente um bom sentido: significava *emulação*, o elevado desejo

de participar do nobre e de obtê-lo uma vez descoberto. Mas degenerou, e chegou a significar o desejo de possuir algo que outro tem; o mau desejo do que não é nosso.

Iras: o termo que Paulo usa significa estalos e arrebatamentos do temperamento. Não descreve uma irritação que perdura, mas sim a cólera que se inflama e morre no momento.

Discórdias (TB: "facções"): esta palavra tem uma história muito ilustrativa. É a palavra *eritheia*, que significava nas origens *o trabalho de um operário contratado (erithos)*. Chegou a significar *o trabalho remunerado*. Logo passou a significar lutar por obter votos *para uma acusação pública ou política*, e descreve o homem que busca a acusação não por motivos de serviço, mas pelo proveito que pode lhe tirar. É a qualidade do homem essencialmente egoísta e que não tem nenhum conceito ou idéia de servir a seus semelhantes.

Dissensões: literalmente a palavra significa *manter-se separados*. Nelson atribuíu uma de suas grandes vitórias à felicidade de ter estado à frente de um grupo de irmãos. A *dissensão* descreve uma sociedade em que acontece justamente o contrário, onde seus membros se fogem mutuamente em vez de partir ao unísono.

Facções (RC: "heresias"; TB: "partidos"): poderiam descrever-se como dissensões cristalizadas. O termo é *hairesis* de onde provém *heresia*. *Hairesis* originalmente não era um termo pejorativo. Provém de uma raiz que significa *escolher* e se aplicava a uma escola de seguidores de um filósofo ou a algum grupo ou banda de pessoas que participavam de uma crença comum. Mas o trágico da vida está em que a pessoa que mantém diferentes pontos de vista termina com muita freqüência aborrecendo não os pontos de vista dos outros, mas sim às próprias pessoas. Deveria ser possível dissentir com alguém, sem deixar por isso de ser amigos.

Invejas: esta palavra (*fthónos*) é uma palavra ruim. Eurípides a chamou: "a maior das enfermidades entre os homens". Em essência não descreve o espírito que deseja — com nobreza ou sem ela — possuir

algo que outro possui; descreve o espírito que não suporta absolutamente o fato de que outro possua essas coisas. Não é tanto que queira as coisas em si; simplesmente quer tirar do outro. Os estóicos a definiam como "tristeza por motivo de algum bem alheio". Basílio a chamava "tristeza pela boa sorte do próximo". Trata-se da condição nem tanto do ciumento quanto do amargurado.

Bebedices: no mundo antigo não se tratava de um vício comum. Os gregos bebiam mais vinho que leite. Até os meninos bebiam vinho. Mas a proporção era de três partes de água com duas de vinho. Tanto gregos como cristãos condenavam a embriaguez como algo que reduzia o homem à condição de animal.

Glutonarias (TB: "orgias"): esta palavra (*komos*) tem uma história interessante. O *komos* era um grupo de amigos que acompanhavam o vencedor nos jogos depois de sua vitória. Dançavam, riam e cantavam seus louvores. Também descreve os grupos de devotos de Baco, o deus do vinho. O termo significa rebeldia não refreada e incontrolada; diversão que degenera em libertinagem.

Quando chegamos realmente à raiz destas palavras nos damos conta que a vida não mudou tanto.

AS COISAS BOAS

Gálatas 5:22-26

Assim como nos versículos precedentes Paulo determinou as coisas más que são características da carne, agora se refere às coisas boas que são fruto do Espírito. Novamente vale a pena jogar um olhar a cada termo separadamente.

Amor: o termo do Novo Testamento para amor é *agape*. Não se trata de uma palavra de uso comum no grego clássico. Em grego há quatro termos para amor.

(a) *Eros* é o amor de um homem a uma mulher; é o amor imbuído de paixão. O termo não se emprega no Novo Testamento.

(b) *Filia* é o quente amor para com nossos próximos e familiares; é algo do coração e seus sentimentos.

(c) *Storge* significa, antes, afeto, e se aplica particularmente ao amor de pais e filhos.

(d) *Ágape* é o termo cristão, e realmente significa benevolência invencível. Significa que nada que alguém possa nos fazer por meio de insultos, injúrias ou humilhações nos forçará a buscar outra coisa senão o maior bem do mesmo. Portanto, é um sentimento tanto da mente como do coração; corresponde tanto à vontade como às emoções. O termo descreve o esforço deliberado — que só podemos realizar com a ajuda de Deus — de não buscar jamais outra coisa senão o melhor, até para aqueles que buscam o pior para nós.

Alegria: o termo grego é *cara* e sua característica está em que a maioria das vezes descreve a alegria que tem sua base na religião e cujo fundamento real é Deus. (cf. Salmo 30:11; Romanos 14:17; 15:13; Filipenses 1:4,25). Não é a alegria que provém de coisas terrenas ou triunfos fúteis; muito menos o que tem sua fonte no triunfo sobre alguém com quem se esteve em rivalidade ou competição. É, antes, a alegria que tem Deus como fundamento.

Paz: no grego coloquial contemporâneo esta palavra (*eirene*) tem dois usos interessantes. Aplica-se à tranqüilidade e serenidade que goza um país sob o governo justo e benéfico de um bom imperador. E se usa para a boa ordem de um povoado ou uma aldeia. Nas aldeias havia um funcionário chamado superintendente da *eirene* da aldeia; este era o guardião da paz pública. No Novo Testamento o termo *eirene* ordinariamente representa o hebraico *shalom*, e não significa simplesmente liberdade de dificuldades, mas sim tudo aquilo que faz o bem supremo do homem. Aqui significa essa tranqüila serenidade do coração proveniente da plena consciência de que nosso tempo está nas mãos de Deus. É interessante advertir que tanto *cara* como *eirene* chegaram a ser nomes muito comuns na Igreja.

Paciência (*makrothymia*), uma palavra de grande significado. O autor de 1 Macabeus (8:4) diz que os romanos fizeram-se donos do mundo por *makrothymia*; alude-se aqui à tenacidade de Roma pela que jamais fazia a paz com o inimigo, até na derrota; uma sorte de paciência que conquista. Falando em geral, a palavra não se usa para a paciência com respeito a coisas ou acontecimentos, senão para a paciência com respeito às pessoas. Crisóstomo diz que é a graça do homem que podendo-se vingar não o faz; do que é lento para a ira. O que mais ilumina seu significado é seu uso muito comum no Novo Testamento com respeito à atitude de Deus e de Jesus para com os homens (Romanos 2:4; 9: 22; 1 Timóteo 1:18; 1 Pedro 3:20). Se Deus tivesse sido homem, faz tempo que teria levantado sua mão para destruir este mundo; mas tem tal paciência que suporta todos os nossos pecados e não nos despreza. Em nossa vida, em nossa atitude e nossos entendimentos com nossos semelhantes devemos reproduzir esta atitude de Deus para conosco, de amor, tolerância, perdão e paciência.

Benignidade e *bondade* são termos muito ligados entre si. Por *benignidade* é o termo *crestotes*. Com muita freqüência se traduz também por *bondade* (Tito 3:4; Romanos 2:4; 2 Coríntios 6:6; Efésios 2:7; Colossenses 3:12; Gálatas 5:22). É um termo positivo. Plutarco diz que é muito mais difundido que a justiça. Um vinho antigo se chama *crestos*, suave. O jugo de Cristo é *crestos* (Mateus 11:30), quer dizer, não roça nem incomoda nem mortifica. A idéia geral é a de uma amável bondade. O termo que Paulo usa para *bondade* (*agathosyne*) é peculiar da Bíblia; não ocorre no grego comum (Romanos 15:14; Efésios 5:9; 2 Tessalonicenses 1:11). É a mais ampla expressão da bondade; define-se como "a virtude equipada para cada momento". Qual é a diferença? A *bondade* poderia — e pode — reprovar, corrigir e disciplinar; a *crestotes* só pode ajudar. Trench diz que Jesus mostrou *agathosyne* quando purificou o templo e expulsou os que o transformavam num mercado, mas manifestou *crestotes* quando foi amável com a mulher

pecadora que lhe ungia os pés. O cristão necessita de uma bondade que seja ao mesmo tempo amável e enérgica.

Fidelidade (RC., "fé"). No grego popular esta palavra é comum para *confiança*. É a característica do homem digno de confiança.

Mansidão: praotes é a palavra que menos se presta à tradução. No Novo Testamento tem três significados principais,

(a) Significa *submisso à vontade de Deus* (Mateus 5:5; 11:29; 21:5).

(b) Significa *dócil*: o homem que não é muito soberbo para aprender (Tiago 1:21).

(c) Com maior freqüência significa *considerado* (1 Coríntios 4:21; 2 Coríntios 10:1; Efésios 4:2). Aristóteles definiu a *praotes* como o termo médio entre a ira excessiva e a mansidão excessiva; como a qualidade do homem que está sempre irado mas só no momento devido. O que lança maior luz no significado da palavra é que o adjetivo *praus* aplica-se a um animal domesticado e criado sob controle; o termo fala do domínio próprio que só Cristo pode dar. *Praotes* refere-se ao espírito submisso a Deus, dócil em todo o bom e considerado para com seu próximo.

Domínio próprio (RC: "temperança"): o termo é *egkrateia*. Platão a aplica ao *domínio próprio*. É o espírito que dominou seus desejos e amor ao prazer. Aplica-se à disciplina que os atletas exercem sobre o próprio corpo (1 Coríntios 9:25) e do domínio cristão do sexo (1 Coríntios 7:9). No grego corrente aplica-se à virtude de um imperador que jamais permite que seus interesses privados influam no governo do povo. É a virtude que faz ao homem tão dono de si, que é capaz de ser servo de outros.

Paulo cria e experimentava por si mesmo a morte do cristão com Cristo e sua ressurreição a uma vida nova e pura em que tinha desaparecido todo o mau, da antiga existência, enquanto todo o amável e belo do espírito tinha alcançado sua fruição.

Gálatas 6

A carga que se deve levar - 6:1-5

Não ficar atrás - 6:6-10

Palavras finais - 6:11-18

A CARGA QUE SE DEVE LEVAR**Gálatas 6:1-5**

Paulo conhecia os problemas que surgem em cada sociedade cristã. O melhor dos homens pode dar um tropeção. A palavra que usa Paulo (*paraptoma*) não assinala o pecado deliberado mas sim o escorregão de um homem que caminha sobre gelo ou por um atalho perigoso. Agora, o perigo daqueles que são espirituais e se esforçam verdadeiramente por viver a fé cristã consiste em que se inclinam muito a julgar duramente os pecados alheios. Em muitas pessoas boas há uma atitude de dureza. Há muita gente boa a quem não se pode ir em busca de desabafo mediante o relato dos próprios fracassos, defeitos e enganos, pois o receberiam com fria antipatia. Mas Paulo diz que o cristão verdadeiro tem a obrigação de levantar o homem que dá um tropeção. A palavra traduzida *restaurai-o* é a comum para efetuar uma reparação. Também se usa para o trabalho do cirurgião que remove algum tumor do corpo ou engessa um membro quebrado. Toda a atmosfera do termo põe a ênfase não no castigo, mas na cura; a correção não se pensa como tristeza mas sim como emenda. E Paulo continua dizendo que quando vemos que alguém cai numa falta ou pecado faríamos bem em dizer: "Se não fosse pela graça de Deus, eu estaria na mesma situação."

Paulo continua reprovando a vaidade. Dá uma receita para evitá-la. Não devemos comparar nossos logros com as obras de nosso próximo; devemos considerar o que deveríamos e poderíamos ter feito se tivéssemos obtido nosso ideal supremo. Podemos nos alegrar por nossos êxitos se nos compararmos com outros; mas quando nos comparamos com o ideal desaparece todo motivo de vaidade.

Nesta passagem Paulo fala duas vezes de levar as cargas. Há um tipo de carga que provém das oportunidades e as mudanças da vida; sua origem é externa; o homem agüenta uma crise, uma situação de emergência ou uma tristeza. Cumpre-se a lei de Cristo ajudando a alguém que está acossado. Mas há uma carga que o homem deve agüentar por si mesmo. A palavra que Paulo usa aplica-se à mochila do soldado. Há um dever que ninguém pode cumprir por nós e uma tarefa da qual somos pessoalmente responsáveis. Há coisas que ninguém por melhor vontade que tenha pode fazer por nós, e que nós, por mais que o queiramos, não podemos depositar nos ombros de outrem.

NÃO FICAR ATRÁS

Gálatas 6:6-10

Aqui Paulo é extremamente prático.

A Igreja cristã tinha mestres. Naquela época havia nela uma participação verdadeiramente comunitária. A verdade era que nenhum cristão podia suportar o possuir muito enquanto outros tinham muito pouco. Assim, pois, Paulo diz: "Se um homem lhes ensina as verdades eternas então o mínimo que podem fazer é compartilhar com ele as coisas materiais que possuem".

Paulo passa então a afirmar uma dura verdade. Insiste em que no final da vida os pratos da balança se equilibrarão com escrupulosa justiça. Se alguém se deixa dominar pela parte baixa de sua natureza, no final de seus dias não poderá esperar outra coisa senão uma colheita de tribulações. Mas se se mantém no bom caminho fazendo sempre o bem, ainda que tenha que esperar durante muito tempo Deus enfim o recompensará. O cristianismo nunca eliminou a ameaça que se abate sobre a vida. Os gregos criam no Némesis: quando um homem agia mal era seguido pelo Némesis que, mais cedo ou mais tarde, alcançava-o. Toda a tragédia grega é um sermão sobre o texto "Aquele que faz paga". O que lembramos o suficiente é a verdade, bendita verdade, de que Deus

pode perdoar e perdoa ao homem seus pecados; mas nem mesmo Deus pode eliminar as conseqüências do pecado. Se um homem pecar contra seu corpo, pagará com uma saúde arruinada, mesmo quando tenha sido perdoado. Se um homem pecar contra uma pessoa amada, mais cedo ou mais tarde haverá corações destroçados ainda que ele seja perdoado.

John B. Gough, o famoso orador em favor da temperança, que tinha vivido uma vida de vício em sua juventude, costumava admoestar dizendo: "As cicatrizes ficam".

E Orígenes, o grande erudito cristão que era universalista, cria que todos os homens se salvariam mas que ficariam as marcas do pecado.

Lembremos que não podemos negociar o perdão de Deus: há uma lei moral no universo e se alguém a quebrantar, poderá ser perdoado mas ele a quebranta com perigo para si mesmo.

Desta maneira Paulo termina lembrando a seus amigos que algumas vezes o dever e a tarefa da caridade e a generosidade pode ser cansativa e incômoda; mas o dever permanece e ninguém que alguma vez lançou o seu pão sobre as águas deixou de descobrir que algum dia voltava para ele.

PALAVRAS FINAIS

Gálatas 6:11-18

Em geral Paulo só adicionava sua assinatura nas cartas que ditava a seu amanuense. Mas no presente caso seu coração transborda de tanto amor e ansiedade para com os Gálatas que não pode senão redigir todo o parágrafo final. "Vede", diz, "com que letras grandes vos escrevi de meu próprio punho".

As letras grandes podem dever-se a três causas possíveis.

(a) Esta parte pôde ter sido escrito com letras grandes devido à sua importância; como se estivesse impresso com tipos maiores.

(b) A escritura grande podia também ser o resultado de Paulo não estar habituado a empunhar a pena; fazia o melhor que podia.

(c) Pode ser também que os olhos de Paulo se sentissem fracos ou que estivesse atormentado por uma grande dor de cabeça; e tudo o que podia fazer era escrever com a torpe caligrafia de quem logo que pode ver.

Mais uma vez volta para o centro do problema. Aqueles que querem que os Gálatas sejam circuncidados têm três razões.

(a) Que estes sejam libertados da perseguição. Os romanos reconheciam a religião judia; sua prática era permitida oficialmente. A circuncisão constituía a marca indiscutível do judeu. De modo que eles viam na circuncisão o salvo-conduto que dava segurança em caso de estalar a perseguição. A circuncisão os preservaria tanto do ódio dos judeus como da lei romana.

(b) Em última análise mediante a circuncisão e a observância das normas e prescrições da Lei estavam tentando fazer uma exibição que ganhasse a aprovação de Deus. Paulo estava absolutamente seguro de que nada que o homem faça pode merecer a salvação; assim novamente lhes aponta a cruz onde a graça e o amor de Deus se mostram com plenitude. Ameaça-os a que cessem com o intento de ganhar a salvação e a que confiem na graça que os amou de tal maneira.

(c) Aqueles que desejavam que os Gálatas se circuncidassem, eles próprios não observavam a Lei; ninguém pode observá-la em sua totalidade. O que queriam era gabar-se de que os Gálatas eram seus conversos e exibi-los como seus troféus. Queriam glorificar-se em seu poder sobre pessoas às quais tinham reduzido à sua própria escravidão legalista. E novamente Paulo deixa situado com toda a força de que é capaz, que nem a incircuncisão nem a circuncisão têm importância; o que interessa é esse ato de fé e confiança em Cristo que abre ao homem uma nova vida e o faz uma nova criatura.

"Trago em meu corpo", diz Paulo, "as marcas do Senhor Jesus". Dois são os possíveis significados desta afirmação. Os *estigmas* sempre fascinaram os homens.

De Francisco de Assis conta-se que uma vez, estando jejuando no topo de uma montanha solitária creu ver o amor de Deus crucificado numa cruz que se estendia através do horizonte; ao contemplar esta cena uma espada de dor e piedade atravessou seu coração. A visão desapareceu paulatinamente e Francisco se relaxou, e logo — dizem — baixou a vista e eis aqui que as marcas dos pregos estavam em suas mãos! e as levou até o fim de seus dias. Não podemos dizer se se trata de um fato ou de uma lenda.

Há mais de uma coisa neste mundo que escapa à consideração dos filósofos. Alguns pensam que Paulo tinha passado realmente por uma experiência de crucificação com o Senhor que teria levado também a marca dos pregos em suas mãos. Com frequência o amo marcava a seu escravo para mostrar que era de sua pertença. O que Paulo pensa com mais probabilidade é que as cicatrizes e marcas do que tinha sofrido por Cristo eram as que mostravam que era seu escravo.

Em último termo não usa sua autoridade apostólica como fundamento de sua apelação mas sim as feridas recebidas por amor a Cristo. Como o personagem de Bunyan, "Valente pela verdade", Paulo diz: "Levo comigo minhas marcas e cicatrizes para que dêem testemunho perante Aquele que me recompensará."

E assim, depois do ambiente de tormenta, de pressão e tensão da Carta vem a paz da bênção. Paulo disputou, reprovou e adulou; mas sua última palavra é GRAÇA, para ele a única coisa que interessa.